



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

Vila Planalto: organizações comunitárias e suas ações no contexto da pandemia de Covid-19

José Maurício Neto

Brasília-DF
Setembro/2023



Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

Vila Planalto: organizações comunitárias e suas ações no contexto da pandemia de Covid-19

José Maurício Neto

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política sob orientação da professora Rebecca Neaera Abers.

Ao meu avô, minha inspiração diária, José Maurício Filho (*in memoriam*), ao meu pai, Ayres Pinto (*in memoriam*), falecido em 2020 de Covid-19, à minha madrinha, Merciana Ferreira (*in memoriam*), falecida em 2021 de Covid-19.

AGRADECIMENTOS

A política sempre fez parte do meu cotidiano desde a infância com minha avó Ieda Coelho que foi líder comunitária da Vila Planalto por muitos anos e por morar ao lado do centro político do país. Honrar o seu legado por meio da Ciência Política é a certeza de continuar o trajeto em busca de uma comunidade melhor, mais solidária e que seja notada pelas autoridades competentes. Agradeço à minha mãe, Mônica Coelho, pelo incentivo e amor. Agradeço a elas pela criação e afeto em minha vida, primordiais para que alcançasse objetivos inimagináveis. Agradeço ao meu padrinho, Rodrigo Bezerra, pelo apoio e conselhos de sempre que foram base para a minha formação. Aos meus irmãos, Jonathan Coelho, Débora Vitória Coelho e Djean Coelho. Agradeço a todos e todas que foram suporte, amor, acolhimento e me ajudaram a chegar até aqui.

Aos pioneiros da Vila Planalto, homens e mulheres que doaram suas vidas por Brasília e pela comunidade que habito. Agradeço à Efigênia Fernandes, Arquimar Roosevelt Lemos, Maura, Socorro, Vantuil Santana, Leiliane Rebouças, Wanda Corso (in memoriam) e ao Geraldo Resende (in memoriam), em nome de todos os pioneiros.

Resumo

A pandemia de covid-19 foi desafiadora em vários aspectos sociais pelo mundo. Na Vila Planalto, uma pequena vila no centro de Brasília-DF, a pandemia mostrou ainda mais as desigualdades existentes no centro da capital federal. Nesse contexto, organizações comunitárias, constituídas principalmente pelos primeiros moradores de Brasília, tiveram que se unir ainda mais pelo bem-estar de seus moradores e pela preservação da memória e história da Vila Planalto. Essa monografia propõe um estudo sobre as ações dessas organizações comunitárias e sua importância durante a pandemia do coronavírus. Através de entrevistas com representantes das principais organizações, como a Creche Pioneira da Vila Planalto, Associação dos Moradores e da Associação dos Idosos, foi possível identificar os problemas que essa população enfrenta desde sua permanência, como a luta pela fixação da comunidade e a invisibilidade social dos pioneiros e que refletiram na pandemia, através da exposição da vulnerabilidade social que parte da população vive. Assim, essa pesquisa procurou identificar o senso comunitário e ações de cunho fraterno durante a pandemia na Vila Planalto e, apontar o surgimento desse senso por meio das relações construídas ao longo de décadas de convivência em comunidade, visto a ausência do Estado na cidade.

Palavras-chaves: pandemia, Vila Planalto, política comunitária, organizações comunitárias, Covid-19, Brasília, senso comunitário,

Abstract

The covid-19 pandemic was challenging in several social aspects around the world. In Vila Planalto, a small village in the center of Brasília-DF, the pandemic further demonstrated the inequalities that exist in the center of the federal capital. In this context, community organizations, made up mainly of the first residents of Brasília, had to come together even more for the well-being of their residents and for the Vila Planalto's preservation of memory and history. This monograph proposes a study on the actions of these community organizations and their importance during the coronavirus pandemic. Through interviews with representatives of the main organizations, such as the Creche Pioneira da Vila Planalto, the Residents' Association and the Elderly Association, it was possible to identify the problems that this population has faced since their stay, such as the struggle to establish the community and pioneers's social invisibility and shows it on the pandemic, by exposing the social vulnerability that part of the population. Thus, this research sought to identify the sense of community and fraternal actions during the pandemic in Vila Planalto and point out the emergence of this sense through relationships built over decades of community coexistence, given the absence of the State in the city.

Palavras-chaves: pandemic, Vila Planalto, community policy, community organizations, Covid-19, Brasília, sense of community

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	10
3	VILA PLANALTO: ACAMPAMENTO DE MORADIA AO DIREITO POR PERMANÊNCIA	12
3.1	Moradia e trabalho: o surgimento da Vila Planalto	12
3.2	Luta pela permanência: da forte fiscalização ao surgimento das primeiras organizações comunitárias	19
4	ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS NA VILA PLANALTO: O SURGIMENTO E SUA IMPORTÂNCIA	20
4.1	As primeiras lideranças e organizações comunitárias em defesa da Vila Planalto	21
4.2	Associação Dos Moradores	26
4.3	Creche Pioneira da Vila Planalto	31
4.4	Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia	34
4.5	Associação dos Idosos Renascer dos Pioneiros da Vila Planalto	38
4.6	O coletivo e o individual: as formas de participação política da comunidade	39
5	SOLIDARIEDADE E A VILA PLANALTO NA PANDEMIA DE COVID-19: AÇÕES DAS INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS	41
5.1	Ações das organizações civis na pandemia de Covid-19: Vila Planalto	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	55
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTAS	57

1 INTRODUÇÃO

Durante a construção de Brasília, iniciada em abril de 1960, várias foram as construtoras que vieram para a futura capital e precisaram de um lugar que servisse de moradia para os engenheiros e operários, assim como um local para armazenamento das ferramentas de obras. Assim surge a Vila Planalto, dividida entre os acampamentos de cada construtora: Pacheco Fernandes, Rabelo, DFL, Tamboril e outros. “Os alojamentos dessas construtoras ficavam ao pé da obra de cuja realização eram responsáveis: o escritório, a casa do engenheiro, os alojamentos dos peões, a oficina mecânica e a cozinha, tudo construído em madeira, e em caráter provisório.” (Resende, 2011, p. 133). Após a inauguração da capital, a ideia central era desfazer os acampamentos e entregar o território aos empresários. Entretanto, pioneiros operários, seus filhos e netos organizaram-se enquanto comunidade para se manterem após anos contribuindo para a criação de Brasília. Atualmente, a Vila Planalto é um bairro do Plano Piloto, em Brasília, Distrito Federal, localizada entre a Praça dos Três Poderes e o Palácio da Alvorada – residência oficial do Presidente da República. Por meio século, a Vila Planalto sempre foi dotada de resistência pela sua permanência, mas também pela falta de políticas públicas do Estado. A desigualdade social assolou a comunidade durante a pandemia e escancarou a necessidade de políticas voltadas para a população mais pobre, mulheres, mães e idosos.

A organização comunitária, desde o início de seu ajuntamento, sempre foi a forma mais eficaz de auxiliar os moradores da vila que se uniram, primeiramente, pela permanência da Vila Planalto, desde o surgimento da Associação dos Moradores da Vila Planalto (AMVP). Por duas décadas, principalmente durante o regime militar, a população se viu amedrontada pelas entidades governamentais, especialmente pela NOVACAP, que ameaçavam retirá-los de suas casas. “Portanto, as reivindicações pela permanência na Vila Planalto e por melhorias, e o surgimento de organizações comunitárias só tiveram início em 1982, com o início da abertura política em um processo de redemocratização lento e gradual (...).” (Rebouças, 2022, p. 230). A solidariedade da comunidade foi estabelecida principalmente pelas Associação dos Moradores da Vila Planalto, Associação Renascer dos Idosos, Creche Pioneira da Vila Planalto e pelo Grupo de Oração da Igreja Católica. Para Rebouças (2022), o abandono do Estado com a vila é proposital, pois torna-se como um membro que não deveria existir, mesmo estando no centro da capital, ao lado do centro político do maior país da América do Sul.

Em tempos de pandemia (2020-2022), a Vila Planalto continuou sem o amparo estatal necessário para suprimir as carências provocadas pela covid-19. De acordo com o último

levantamento¹ demográfico, realizado em 2009 pelo antigo Codeplan (Companhia de Planejamento do Distrito Federal), atual Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF), na Vila Planalto vive grande número de idosos, cerca de 11% de sua população e, majoritariamente (25%), têm acima de 40 anos. Apesar da escassez de dados demográficos, acredita-se que atualmente haja muitos moradores idosos, pois se trata de uma comunidade pioneira, mesmo com o processo de gentrificação do local. Grande parcela da comunidade se viu desamparada durante a pandemia. Os idosos e mães solteiras não podiam sair de casa, tendo que recorrer aos grupos e movimentos locais para o auxílio de alimentos, cestas básicas, transporte e auxílio sanitário. A solidariedade foi o principal caminho.

Solidariedade significa laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes; sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses de um grupo social, de uma nação ou da humanidade (Aurélio, 2010). Em um momento em que o mundo precisou parar, havia uma grande parcela da população desamparada e muitas vezes, a solidariedade em comunidade ajudou na sobrevivência dos mais carentes. O mesmo ocorreu na Vila Planalto.

As associações comunitárias, grupos de empresários locais, instituições religiosas e outras organizações sociais foram os principais pontos de apoio da comunidade durante a pandemia de COVID-19. Essas organizações foram importantes para evitar que muitos moradores passassem graves adversidades, como a fome e o desamparo. Alves e Costa (2020) explicam que a existência de organizações da sociedade civil se dá pela ausência ou ineficiência do Estado e de instituições que atendam a população, economicamente. Nesse sentido, a monografia busca compreender o caso específico e ímpar dessa comunidade e sua relação com a solidariedade comunitária a partir da importância de ações de suas instituições durante o período pandêmico. Assim, partimos do seguinte questionamento principal: Qual a importância das ações dos grupos e associações comunitárias da Vila Planalto no auxílio aos moradores durante a pandemia da Covid-19? Nesse sentido, propomos as demais perguntas específicas no trabalho: De que forma os trabalhos foram feitos? Quais trabalhos foram realizados por eles? Quem foram os beneficiados e porquê? Qual foi a relação entre essas associações e atores governamentais durante a pandemia? Como essas associações enxergam a presença do Estado durante os anos e durante a pandemia? Essas são questões essenciais a serem respondidas nessa monografia.

¹ Dados do Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal. Acesso pelo link: <https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Levantamento-Domiciliar-Socioecon%C3%B4mico-da-Vila-Planalto-2009.pdf>

2 METODOLOGIA

A Vila Planalto é a residência do autor dessa monografia, assim, a partir de um protocolo investigativo e analítico, a pesquisa articulará três parâmetros metodológicos principais: adoção de um ponto de vista “localizado” (microscópico) do fenômeno urbano comunitário, ou seja, a partir da observação analítica da convivência diária na comunidade. A aplicação de um procedimento multi método de coleta de dados (quantitativo e qualitativo); apreensão “longitudinal” dos processos urbanos (observação de longa duração das organizações e sua importância no bairro). A utilização de métodos mistos é baseada na necessidade de se obter informações importantes para as respostas das perguntas propostas, como por exemplo dados de grupos beneficiados pelas ações e sua documentação histórica.

As fontes de pesquisas utilizadas baseiam-se nas: (i) pesquisas em materiais históricos recebido por pioneiros, materiais realizados durante a pandemia e materiais atuais da Vila Planalto; (ii) observações diretas da vida local durante a pandemia; (iii) nas entrevistas formais e informais com membros da Associação dos Moradores da Vila Planalto, da Associação Renascer dos Idosos, da Creche Pioneira da Vila Planalto, da Roda de Terapia Comunitária Integrativa Pioneira da Vila Planalto e do Grupo Vicentinos da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompeia; e (iv) nos materiais jornalísticos e investigativos.

Desse modo, trata-se de compreender os efeitos produzidos pelos contextos institucionais e sociais diferenciados que ocorreram durante a pandemia na Vila Planalto. Nesse sentido, o uso de uma bibliografia multidisciplinar fez-se importante para a análise presente neste trabalho do ponto de vista de autores de distintas áreas de estudo, mas que serviram para verificar a veracidade histórica e social do fenômeno estudado na Vila Planalto.

O uso de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro único norteou a pesquisa tanto para o entendimento histórico e social das instituições entrevistadas quanto para ir de encontro às ações realizadas para a população durante a pandemia de Covid-19. As entrevistas ocorreram de forma acordada, mantido o anonimato, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), com cinco líderes que atuaram durante a crise sanitária das organizações civis anunciadas anteriormente. As perguntas foram divididas em um roteiro (Apêndice A) de três blocos de acordo com a necessidade da pesquisa: Bloco I: Identificação e aprofundamento das informações iniciais das associações/organizações/instituições; Bloco II: Compreensão da Vila Planalto durante a pandemia; Bloco III: Ações durante a pandemia e consequências. Ao longo do texto, as falas do entrevistados foram introduzidas para direcionar

o entendimento dos capítulos dispostos. Assim, a referência anônima dos entrevistados foi pelas siglas VP-1, VP-2, VP-3, VP-4, VP-5.

3 VILA PLANALTO: ACAMPAMENTO DE MORADIA AO DIREITO POR PERMANÊNCIA

Vem vamos entoar a canção que unirá

Todas as vozes num só cantar:

Vila Planalto és parte da história

É aqui o seu lugar!

(Hino da Vila Planalto, feita por Antônio Donizete da Silva)

3.1 Moradia e trabalho: o surgimento da Vila Planalto

A construção de Brasília foi esperada por todo o país, com holofotes do mundo voltados para essa novidade. Aliado a procura por melhores condições de vida e a busca pela nova capital, brasileiros de todo o país vieram para Brasília, principalmente nordestinos. O grande fluxo migratório no centro do país fez de Brasília a cidade-frente pioneira, cujos imigrantes buscavam um mercado de trabalho volumoso e estável (Sousa, Machado e Jaccoud, 1996, p. 56-57). Durante a construção da cidade sonhada pelo presidente Juscelino Kubitschek, as construtoras da nova capital precisaram de um lugar que servisse de moradia dos engenheiros e operários, assim como para o armazenamento das ferramentas de obras. “Um dos eixos da grande obra foi a proliferação de acampamentos, alguns deles por iniciativa das construtoras (caso da Vila Planalto, voltada para a construção do conjunto da Praça dos Três Poderes [...])” (Sousa, Machado e Jaccoud, 1996, p. 57).

Em 1956 nasce a Vila Planalto, dividida entre vários acampamentos² de cada construtora: Pacheco Fernandes, Rabelo (antiga Rabello), DFL, Tamboril e outros, cada um com seu refeitório e dormitório. Havia ainda os anexos pertencentes a Vila Planalto que localizavam-se no atual Setor de Hotéis e Turismo Norte, à beira lago. Eram os anexos Mocó, Maracujá e Dó-Re-Mi, que abrigavam trabalhadores das firmas da construção e posteriormente, imigrantes pós inauguração da cidade. Lá também se encontrava o restaurante do Seu Rosental³ ou Seu Rosa, cozinheiro adorado pelo presidente JK e um dos grandes pioneiros de Brasília, como mostra na Figura 2, junto com Dona Lúcia, sua esposa.

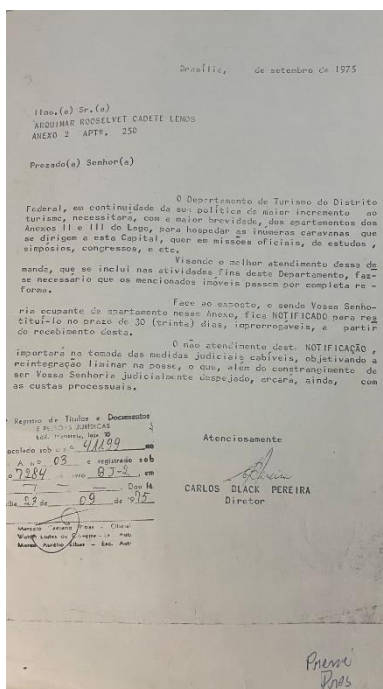
De acordo com documentos de moradores, em 1975, o Departamento de Turismo do Distrito Federal, enviou um ofício para expulsar os residentes dos anexos explicando que “em

² Atualmente a Vila Planalto é dividida entre quatro acampamentos e o Setor de Chácaras.

³ Noticiado também no Jornal de Brasília, em 2023. Acesse em: <https://jornaldebrasilia.com.br/brasilia/aos-66-anos-vila-planalto-e-referencia-em-gastronomia/>

continuidade da sua política de incremento ao turismo, necessitará, com a maior brevidade, dos apartamentos dos Anexos II e III do Lago, para hospedar as inúmeras caravanas que se dirigem a esta capital (...)" (Trecho da Figura 1). Após a inauguração da capital, a ideia central era desfazer os acampamentos e entregar o território aos empresários, bem como foi feito com os anexos da vila.

Figura 1 – Documento de retirada dos moradores dos anexos



Fonte: Arquivo pessoal de Arquimar Lemos

Figura 2 – Seu Rosental, pioneiro da Vila Planalto e cozinheiro do presidente JK



Fonte: Site Brasileiros.com

Assim como as outras vilas que se formaram no centro, a Vila Planalto não foi planejada e servia como alternativa imediata de moradia aos operários dentro do canteiro de obras⁴.

Nessa mistura entre o planejamento urbano imbuído do mito da vida social igualitária e a realidade dos excluídos do direito à moradia, multiplicavam-se os acampamentos e as favelas da cidade, dentro de um processo de ocupação do espaço urbano marcado por lutas sociais (Sousa, Machado e Jaccoud, 1996, p. 57).

Partindo do ponto de vista da sociologia urbana, o fenômeno de ocupação territorial na Vila Planalto mobilizou-se pela oferta de moradia vinculada ao trabalho, sendo observado situações de controle espacial urbano, como as que ocorrem em vilas operárias e acampamentos de construção civil, mineração e exploração de petróleo (Zarur, 1996). Essa forma de ocupação territorial possibilitava o controle dos órgãos⁵ responsáveis pela construção em relação aos operários, muitas vezes com violências. Para Sousa (2007), a estrutura hierárquica em grandes canteiros de obras não é racional e nem se organiza pela mesma sistematização do trabalho industrial e burocráticos, mas sim com forma violenta, que repercute nas relações de trabalho. Entretanto, para Sousa (2007), a convivência diária também disporia de experiência de sociabilidade e fraternidade, construídas por meios de parceria em atividades de trabalho e convivência nos alojamentos.

1.1. A segregação social e o massacre aos operários de Brasília

Nós, funcionários e operários da Rabello, vestíamos de fato a camisa da empresa! E por uma razão muito simples: Construtora pagava bem e cuidava da diversão e devoção de seu pessoal, homens com menos de trinta anos, vindos do Nordeste de Minas Gerais à procura de emprego. Assim como aconteceu comigo, esses jovens tomaram conhecimento da construção de Brasília pelo rádio. Como ainda não tinham constituído família, não pensaram duas vezes e vieram para cá. (Rezende de Carvalho, 2011, Carta I, Segunda Parte)

Apesar do depoimento saudoso do querido pioneiro Geraldo Resende, Zarur (1996), afirma que durante a construção de Brasília havia o controle das construtoras sobre os peões de

⁴ Canteiro de obra é um espaço de produção onde se encontram em um mesmo espaço a ação de produção e o produto final (VALLADARES, 1981 *apud* SOUSA, 2007, p. 84).

⁵ A Novacap comandava a parte de construção e a GEB cuidava da garantia da ordem durante a construção da cidade.

obra que funcionava como “servidão burguesa”, cujos operários não podiam escolher o local de trabalho e nem quais atividades de lazer e alimentação poderiam realizar. Os alojamentos e refeitórios dos operários não eram de boas qualidades. Os mais pobres eram tratados sem dignidade.

O espaço era cercado, o que reforçava o controle ao qual os trabalhadores eram submetidos. Por um lado, as companhias ofereciam as condições de moradia e eram encarregadas de toda a infraestrutura necessária para instalação da população necessária – como casas, supermercados, farmácias, clubes e afins. Por outro lado, os trabalhadores se encontravam numa situação de dependência completa frente às companhias (Coelho, 2008, p. 70).

De acordo com notícia do jornal Correio Braziliense⁶, na noite de 8 de fevereiro de 1959, 27 soldados da Guarda Especial de Brasília (GEB) atiraram contra operários do acampamento Pacheco Fernandes, após dois homens se indignarem com a qualidade da comida servida no refeitório da Construtora Pacheco Fernandes, como indicado na Figura 3, e com o local de preparo dos alimentos. Segundo a notícia, a versão oficial aponta uma morte e 48 feridos, supostas testemunhas falam em mais de 100 corpos, que nunca foram encontrados. Há relatos de que alguns foram enterrados em canteiros abandonados e em algumas construções de Brasília. Atualmente, há um memorial na Praça Zé Ramalho⁷, no Acampamento Pacheco Fernandes, em homenagem aos pioneiros mortos no massacre, como mostra a foto da Figura 4.

Naquele fim de semana carnavalesco, o pagamento estava atrasado, a comida servida na cantina estava estragada e, para piorar, faltava água. Um pequeno grupo iniciou uma confusão na cantina, e a GEB foi chamada. Os soldados percebendo que estavam em minoria no meio da peãozada, decidiram voltar mais tarde com um efetivo maior. Retornaram no início da noite e, súbito, covardemente, “metralharam” o acampamento – na verdade, foram disparados simultaneamente inumeráveis tiros com armas calibre 38, o que deu, aos que ouviram o ataque de fora da Pacheco, a impressão de que o acampamento estava sendo metralhado (Rebouças, 2022, p. 72).

⁶ Notícia do jornal Correio Braziliense, de 2019. Acesse pelo link: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/02/08/interna_cidadesdf,736183/massacre-da-pacheco-fernandes-completa-60-anos-continua-sendo-misterio.shtml

⁷ A praça recebe o nome de um dos pioneiros, José Juvenal Ramalho, que trabalhou transportando materiais de construção para as obras de Brasília,

“Uns dizem que morreram quinhentos, trabalhadores. Outros asseguram que foi mais de mil. Os mortos teriam sido enterrados em vala comum em Planaltina e Padre Bernardo. Mais uma coisa é certa: morreu muita gente” (Resende, 2011, p. 136). Em cartas escritas, em formato de livro para seu filho falecido, Geraldo Resende, fundador do primeiro mercado de Brasília “Armazém do Geraldo”, em 1957, descreve sua experiência de sair do interior de Minas Gerais para a construção da capital, tornando-se um dos maiores e principais pioneiros de Brasília.

Figura 3 – Trabalhadores no refeitório da Pacheco Fernandes



Fonte: Site Histórias de Brasília

Figura 4 – Memorial atual no local do massacre



Fonte: Site Histórias de Brasília

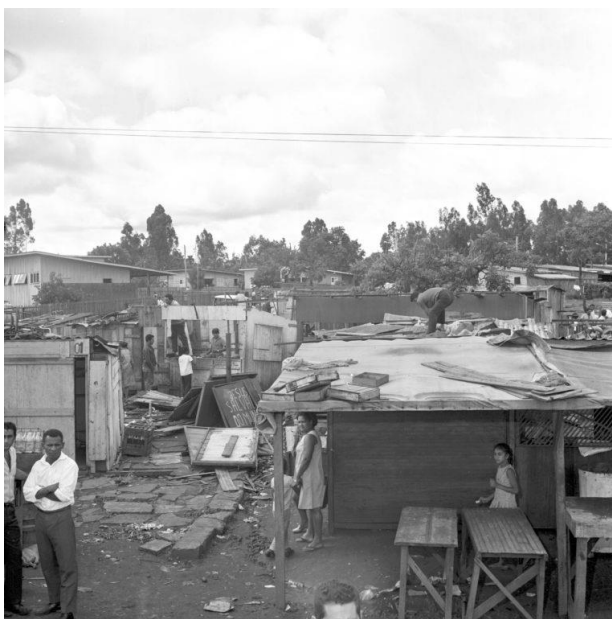
Para Zarur (1996), o isolamento geográfico e outras características específicas da construção de Brasília provocaram os chamados “aspectos disciplinares” e tornaram a Vila Planalto o local ideal para a exploração econômica do trabalho dos moradores. Esse controle social, autorizado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), responsável pela maior parte das obras e cumprimento de prazos, ajudou a manter o distanciamento de classes que começara a surgir.

“Mais ou menos onde fica hoje a Rua 7 da Vila Planalto, foi inaugurado, entre 1958 e 1959, o Clube Social da Rabello, espaço de lazer frequentado pelos operários graduados da Construtora, pois existia o Clube dos Operários, cujos associados eram trabalhadores em geral.” (Rezende de Carvalho, 2011, Carta I, Segunda Parte). Em trechos do seu livro, Geraldo mostra a divisão social que já existia entre operários graduados, como engenheiros e outros diplomados e os trabalhadores operários sem graduação, em sua maioria, analfabetos. Ainda como alojamentos provisórios, havia um classicismo entre peões e graduados, casados e solteiros.

“Uma forte heterogeneidade social era presente na Vila Planalto, o espaço era diferenciado segundo a classe social, a profissão e o estado civil. Inicialmente, existiam dois clubes (um para os ricos, outro para os pobres), um cinema, uma farmácia, uma escola” (Coelho, 2008, p. 72). A diferença se estendia ao tipo de madeira dos alojamentos, com madeiras nobres de Ipê e Jatobá para as casas de engenheiros e cortiços de madeiras de pior qualidade para os operários, como mostra a demolição desses barracos na Figura 5.

Com efeito, nos acampamentos tudo era hierarquizado, e foi estabelecida uma clara segregação espacial. Enquanto as construtoras estavam na vila, a manutenção das casas era feita por seus próprios funcionários. Depois que as construtoras deixaram a vila, cada morador era responsável pela manutenção do seu próprio barraco (Rebouças, p. 229, 2022).

Figura 5 – Demolição de barracos na Vila Planalto em 1968



Fonte: Arquivo Público do DF

Em sua maior parte, os moradores dos acampamentos eram pobres e analfabetos e com o fim da construção de Brasília, a Vila Planalto deixou de ter serviços e privilégios aos imigrantes, tornando-se uma área irregular. “O baixo *status* ao qual a Vila Planalto esteve relegada até ser regularizada tornou-a quase tão malvista quanto os demais assentamentos irregulares” (Zarur, 1996, p. 88).

Assim, pode-se observar que a segregação social de Brasília iniciou-se já nos canteiros de obra da nova capital federal. A distinção entre pobres e ricos na ocupação espacial e

territorial ocorreu por meio da desocupação de acampamentos trabalhistas para dar lugar a empreendimentos ocupados pela classe ascendida que viera a capital. Esses trabalhadores foram expulsos do centro e realocados a km do Plano Piloto, com exceção da Vila Planalto e da Vila Telebrasília, como ilustra a Figura 6. Essa última, permaneceu-se pela luta e reivindicações dos moradores pioneiros ao direito à moradia mas também por ser mais distante da atual Área de Segurança Especial⁸, que abarca o setor da residência oficial do Presidente e Vice-Presidente da República. O mesmo não aconteceu com a Vila Amaury, local de moradia de operários da capital e submersa para a construção do Lago Paranoá desde 1959⁹, ou como outros acampamentos retirados com intuito de higienizar a capital, colocando em distanciamento obrigatório aqueles que construíram a cidade, como Ceilândia 28 km¹⁰; Planaltina 42 km; Taguatinga 23 km; Candangolândia 13 km.

“Não havia espaço para a massa miserável das várias regiões, especialmente do Nordeste, fortemente assolado por uma grande seca no ano de 1958, no projeto arquitetônico da cidade. Aliás, desde o início foram pensadas as cidades-satélites como áreas urbanas segregadas do núcleo central (Plano Piloto), onde deveriam habitar os segmentos sociais mais pobres” (Sousa, Machado e Jaccoud, 1996, p. 60).

Figura 6 – Mapa da formação territorial do DF



Fonte: Site Agência Brasília

⁸ Área criada, por meio da Portaria nº 56 de 28 de março de 2023, pela Secretaria de Segurança Pública do DF. Acesso pelo link:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/f598628d8a484927bc2ed2a9bd480327/Portaria_56_28_03_2023.html

⁹ Notícia do jornal G1, acessada em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/brasil-61-anos/noticia/2021/04/20/brasil-61-anos-videos-do-lago-paranoa-mostram-ruinas-da-vila-amaury-e-ate-onibus-submerso.ghtml>

¹⁰ Distância aproximada da cidade citada até o Plano Piloto.

3.2 Luta pela permanência: da forte fiscalização ao surgimento das primeiras organizações comunitárias

De acordo com Zarur (1996), a falta de habitações definitivas para alocar os recém-chegados funcionários públicos fez com que eles fossem enviados para casas de madeiras mais bem estruturadas, utilizadas pelos engenheiros, na Vila Planalto. Assim, os antigos moradores começaram a se unir com os que chegaram, com ajuda mútua e o sentimento de solidariedade. “Os operários remanescentes, pessoas que, por razão diversas, não pretendiam abandonar a capital, se reuniram em torno de um objetivo comum: permanecer no lugar onde estavam desde princípios da construção da cidade” (Resende, 2011, p. 133). “Os antigos operários começaram a fazer alianças com os novos moradores, para driblar o controle implacável da Terracap, que objetivava evitar o crescimento do número de casas e, principalmente, o aumento da população pobre” (Zarur, 1996, p. 89).

Essa união entre moradores, pode ter se iniciado ainda nos canteiros. “O canteiro de obra é palco de acontecimentos únicos que afloram das relações interpessoais dos trabalhadores” (Sousa, 2007, p. 86). Assim, a partir dessas relações dentro e fora das obras e a convivência diária, dispostos pelas situações socioeconômicas semelhantes, os operários construíram relações pessoais e comunitárias, favorecendo, desde o início dos acampamentos, no caso da Vila Planalto, o surgimento de um senso comunitário.

Isso foi comprovado, como dito anteriormente, após a inauguração de Brasília, com a luta unificada dos moradores pela permanência e garantia dos seus direitos. A luta dos moradores foi o principal motivo de fixação da Vila Planalto.

Leiliane Rebouças (2022), filha da pioneira Albaniza Rebouças, em seu livro “Vizinhos do Poder”, explica que havia outros motivos que também influenciaram a permanência da Vila Planalto para além do realojamento de funcionários públicos, como a mudança no comando da Terracap durante o regime militar. “O principal motivo reside na descontinuidade da gestão dos dirigentes da Terracap” (Rebouças, 2022, p. 223-224). Ela explica que, de acordo com Renato Castelo de Carvalho, funcionário da Terracap responsável pela destituição da Vila Metropolitana, da Vila do Paranoá, do Acampamento Saturnino de Brito e da Vila Planalto, em 1973, o então presidente do órgão pediu demissão para o governador do DF, Hélio Prates, assim, a Terracap ficaria um ano sem dirigente (Rebouças, 2022). Entretanto, a fiscalização era

permanente para também evitar o crescimento populacional na vila. Alguns acampamentos foram retirados e muitos moradores foram encaminhados para as cidades-satélites¹¹.

A análise da Vila Planalto, como resultado da drástica redução de alguns acampamentos de obra da época da construção de Brasília, torna-se extremamente relevante. Ao contrário da tendência predominante, os acampamentos não foram todos erradicados e guardaram características de sua origem e de sua urbanização peculiar com uma cadeia de relações institucionais e pessoais próprias” (Zarur, 1996, p. 91).

Durante as reivindicações de moradia, a Vila foi controlada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) e pela Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), com fiscais que moravam dentro da comunidade, com a intenção de retirar, aos poucos, os moradores. “Os moradores mais pobres da Vila Planalto viviam aterrorizados, constantemente, porquanto não havia nada que pudesse assegurar a sua permanência no local. A qualquer hora, um fiscal poderia removê-los de suas moradias, e não havia nenhuma lei que os protegessem” (Rebouças, 2022). O intuito do governo durante o regime militar era de erradicar todo e qualquer acampamento e favela que tivesse em Brasília. Zarur (1996) diz que a ausência de eleições e da participação popular, durante o período ditatorial, influenciou no relacionamento da Vila para com as autoridades, dificultando a fixação da comunidade. Assim, até 1982, a Vila Planalto não teve instituição comunitária organizada pelos moradores.

Rebouças (2022) também expõe que o período ditatorial foi o motivo para a não organização comunitária na vila. “Portanto, as reivindicações pela permanência na Vila Planalto e por melhorias, e o surgimento de organizações comunitárias só tiveram início em 1982, com o início da abertura política em um processo de redemocratização lento e gradual” (Rebouças, 2022, p. 230). Entretanto, essa não é a única razão pela falta de organização comunitária na Vila. De acordo com Zarur (1996), havia a dificuldade de unificar a interação dos atores políticos e prol dos interesses da comunidade, em um momento político mais delicado para a interação entre lideranças e autoridades.

4 ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS NA VILA PLANALTO: O SURGIMENTO E SUA IMPORTÂNCIA

¹¹ Atualmente o termo utilizado para denominar as cidades do DF é Região Administrativa (RA).

4.1 As primeiras lideranças e organizações comunitárias em defesa da Vila Planalto

O desinteresse do governo em atender às demandas específicas da população influenciou para a constituição de uma mobilização organizada. “Surgiram na década de 1980 algumas associações voluntárias agrupando certo número de pessoas de acordo com interesses comuns, como por exemplo: o grupo de oração, as associações das mães e das dona de casa, o centro social, o ‘grupo dos agregados’” (Zarur, 1996, p. 104). O surgimento de grupos organizados na Vila Planalto é importante pois compõe movimentos, organizações e associações que são capazes de receber os problemas sociais no âmbito privado para repassar para a esfera pública política, facilitando a resolução das problemáticas comunitárias e individuais.

O surgimento de lideranças de cada acampamento buscava o diálogo comum para o assentamento e melhorias na comunidade. O desenvolvimento de lideranças na Vila Planalto ocorreu por meio de momentos em comunidade como organização de festas, mutirões de limpeza na comunidade, distribuição de presentes no Dia das Crianças (Zarur, 1996). O movimento político na comunidade foi crescendo, em meio aos encontros entre os moradores pioneiros em bares, mercearias e barbearias, com a solidariedade sendo motor para essa união. Assim, surge a Associação dos Moradores da Vila Planalto (AMVP), em 1982. Adiante, será apresentado com maiores detalhes sobre a principal organização comunitária da Vila Planalto. Também surgem posteriormente a Prefeitura Comunitária e o Centro Social.

O conceito de “pioneiro” apareceu como noção central nos movimentos reivindicativos que ocorreram nos anos oitenta em prol da regularização da Vila Planalto. Ser “pioneiro” passou a ser reconhecido como um valor, criando uma hierarquização interna baseada no tempo de permanência local, de forma extraclasse, associada a participação nos inícios da cidade (Coelho, 2008, p. 73).

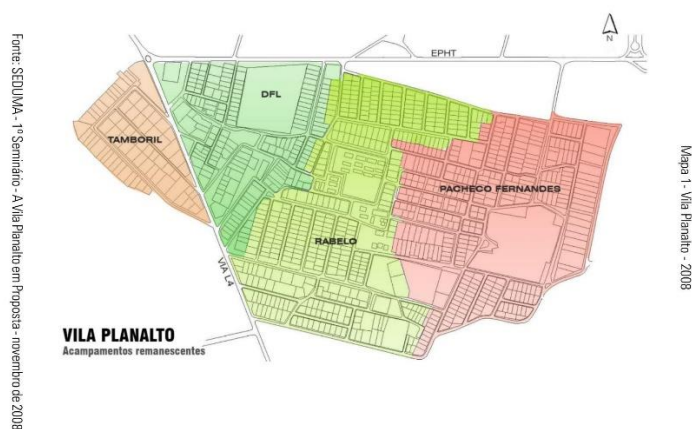
Assim como destaca Coelho (2008), em 1988, a partir de movimentações dos moradores visando melhorias e a fixação da vila e por uma percepção de unificação comunitária, foi convocada a primeira eleição para o Conselho Comunitário. Como mostra a Tabela 1, ele seria composto por seis áreas de representação, de acordo com os acampamentos da Vila Planalto, representado na Figura 7. De acordo com Rebouças (2022), a eleição foi organizada por moradores advogados que constituíram um edital da primeira eleição, apresentado na Figura 8.

Tabela 1 – Divisão da quantidade de representantes por área eleitoral na Vila Planalto para eleição do Conselho Comunitário em 1988

Área Eleitoral	Localização	Quantidade de Representantes
Primeira área eleitoral	Tamboril e EBE	1 (um)
Segunda área eleitoral	Rabelo	2 (dois)
Terceira área eleitoral	DFL, EMUPRESS, WSK e Rua Nova	2 (dois)
Quarta área eleitoral	Pacheco Fernandes	1 (um)
Quinta área eleitoral	Alojamento dos solteiros	1(um)
Sexta área eleitoral	(Acampamentos e assentamentos externos [Mocó, Maracujá, Dó-Ré-Mi, Pederneiras, Nacional, Tamboril/Sarrafo, Elevatório da Caesb, Anexo e edificações esparsas, relacionadas no Cadastro Socioeconômico de 1986/87	1(um)

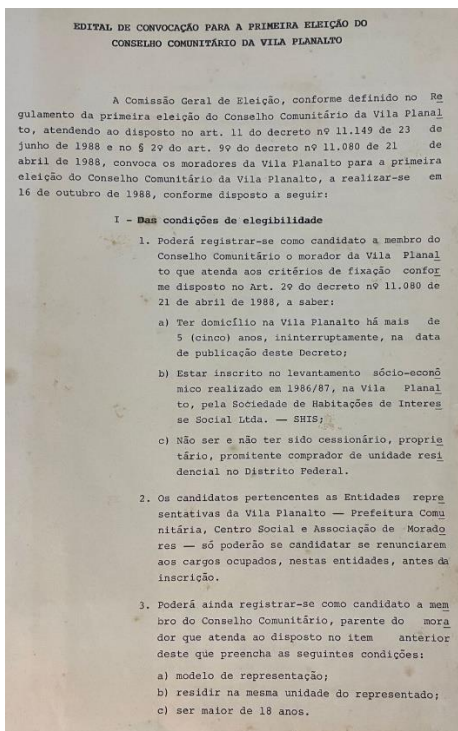
Fonte: Arquivo Pessoal de antigos representantes comunitário.

Figura 7 – Mapa da divisão dos acampamentos da Vila Planalto em 2008



Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação do DF (SEDUH)

Figura 8 – Edital de convocação para a primeira eleição do Conselho Comunitário da Vila Planalto, em 1988



Fonte: Arquivo Pessoal de Arquimar Lemos

Como mostra a Figura 9, foram eleitos Rodolfo Nogueira para primeira área, Francisco Procópio Leal da Silva e José Lineu de Freitas para a segunda área, Efigênia Fernandes Dias e Marco Aurélio Martins Marques para a terceira área, Carlos Humberto da Silva para a quarta área, Emerson Azevedo para quinta área, e Arquimar Roosevelt Cadete Lemos para a sexta área. Vale destacar que o eleito internamente como presidente do Conselho Comunitário foi Rodolfo Nogueira, representante dos acampamentos mais nobres. Nesse sentido, ao que se propõe também essa pesquisa, pode-se identificar a junção de diversos atores representativos na política local que buscavam, apesar das distinções sociais, o bem coletivo. “Dizer que redes sociais são estruturas preexistentes, constantemente reconstruídas pelas interações humanas, não quer dizer que todos os atores na interação são dotados dos mesmos recursos e da mesma capacidade de agir” (Abers, Silva e Tatagiba, 2018, p. 27-28). Isso pode ser observado, nos dias atuais, nas relações existentes entre atores de diferentes classes, em suas ações comunitárias em prol da vila, como será explorado adiante.

Figura 9 – Resultado da primeira eleição do Conselho Comunitário da Vila Planalto

COMISSÃO GERAL DE ELEIÇÃO DA VILA PLANALTO
EDITAL Nº 05/88

A Comissão Geral de Eleição da Vila Planalto, de acordo com o art. 30 do Regulamento da Primeira Eleição do Conselho Comunitário, proclama e homologa o resultado final da Eleição, ocorrida na Vila Planalto, no dia 16.10.88.

R E S U L T A D O S

ÁREAS ELEITORAIS	Nº DE INSCRITOS	VOTARAM		VOTOS NULOS	VOTOS INVÁLIDOS	C A N D I D A T O S N O M E S	Nº DE VOTOS
		N	%				
1ª	83	72	86,74	04	-	Rodolfo Nogueira Nair do E.D. Porto Alencastro Veiga	41 27
2ª	251	211	84,06	07	-	Florencia Oliveira de Silva Francisco Procópio Leal da Silva Gercil Severino Barbosa José Lúcio de Freitas	07 109 24 55
3ª	258	202	78,29	09	02	Dacimar Gomes da Silva Efigênia Fernandes Dias Stella Maria C. de Oliveira Marco Aurélio M. Marques	29 67 44 52
4ª	167	157	94,01	-	-	José Góes Filho Carlos Humberto da Silva Milton Rodrigues	18 70 69
5ª	110	65	59,09	01	-	Emerson Azevedo Antônio Ferreira Pacheco	59 05
6ª	137	103	75,19	06	05	Arquimar Roosevelt C. Lemos	82

ÁREAS ELEITORAIS	RELACÃO DOS CANDIDATOS ELEITOS
Primeira Área Eleitoral	- RODOLFO NOGUEIRA
Segunda Área Eleitoral	- FRANCISCO PROCÓPIO LEAL DA SILVA e JOSÉ LÚCIO DE FREITAS
Terceira Área Eleitoral	- EFIGÊNIA FERNANDES DIAS e MARCO AURELIO MARTINS MARQUES
Quarta Área Eleitoral	- CARLOS HUMBERTO DA SILVA
Quinta Área Eleitoral	- EMERSON AZEVEDO
Sexta Área Eleitoral	- ARQUIMAR ROOSEVELT CADETE LEMOS

Brasília, 26 de outubro de 1988

CECÍLIA REBOUÇAS DE ALMEIDA
Presidente da Comissão Geral de Eleição

Fonte: Arquivo Pessoal de Arquimar Lemos

A Igreja Católica também sempre foi presente nas lutas e reivindicações dos moradores da Vila Planalto. Com o chamado Grupo de Oração, fundado por Antônio Donizete da Silva e pelo Maurício, em 1985, e constituído majoritariamente por mulheres, eram realizadas reuniões semanalmente em locais públicos em frente à casa de algum membro. O grupo reunia mais de trinta pessoas para rezar e ajudar com remédios e mantimentos os moradores mais carentes, além de cantar músicas religiosas, também discutiam problemas enfrentados pelos membros, como desemprego, a fixação da vila, más condições de saneamento básico e moradia (Zarur, 1996). “Com a ajuda do Grupo de Oração e Reflexão, o Grupo das Dez foi aumentando a mobilização comunitária” (Rebouças, 2022, p. 286).

Uma outra organização que possuía fundamental importância na construção comunitária da Vila Planalto era o “Grupo das Dez”, que surgiu após uma reunião entre Dona Maria do Chapéu e Dona Albaniza com o Centro de Desenvolvimento Social (CDS) e o GT Brasília, buscando apoio para evitar a retirada da única linha de ônibus na Vila Planalto. “As técnicas sugeriram à Maria do Chapéu e a minha mãe (dona Albaniza) que criassem uma espécie de ‘clube das mães’, para lutar por melhorias e que seriam muniadas por elas com algumas estratégias” (Rebouças, 2022, p. 267).¹² O grupo formado por mulheres pioneiras que resistiram

¹² Vale ressaltar que a autora citada é filha pioneira de Albaniza Rebouças, citada no trecho.

na permanência da Vila Planalto foi criado, assim outras mulheres se juntaram: dona Wanda Corso, Aparecida Arantes, Icila Damasceno, Leila Rebouças, Soberana Rodrigues, Ercília, Ana Lúcia da Silva, Floriza, dona Bené e Gracione, que colaboraram profundamente para que a comunidade exista. Foi o primeiro grupo social da Vila Planalto formado unicamente por mulheres que mobilizaram a comunidade e a representava diante das instituições governamentais. A participação política das mulheres pioneiras da Vila Planalto trouxe uma outra perspectiva do protagonismo feminino na luta comunitária. Ainda que controladas pela forma de atuação política e espaços de representação pela sociedade patriarcal e não mais pelo veto ou exclusão à sua participação, como define Biroli (2010), o Grupo das Dez teve relevância significativa na fixação da comunidade. Leiliane (2022) afirma que durante a luta dos grupos pela fixação da vila, os maridos e parentes das mulheres deslegitimavam e desqualificavam suas ações, pois colocavam a descrença na vitória delas.

Em uma comunidade pequena de 6 mil habitantes em 1987¹³, pode ser comum a participação familiar na vida política local. “O Grupo das Dez é um bom exemplo da participação familiar na vida política local. Entre essas dez militantes, três eram originários da mesma família” (Coelho, 2006, p. 245, tradução nossa).¹⁴

Nesse sentido, é possível observar que a construção da comunidade da Vila Planalto e a formação de organizações no que diz respeito aos atores políticos, deu-se pela participação da família e o protagonismo feminino, amparada à religiosidade da Igreja Católica.

Uma das ações mais conhecidas do Grupo das Dez foi quando Leiliane Rebouças, em 1986, quando criança, furou a segurança presidencial e entregou uma carta ao Presidente da República, José Sarney. Após a repercussão midiática, o presidente respondeu com outra carta e um bilhete do governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, convidando Leiliane para uma audiência para tratar da fixação da Vila Planalto, em conjunto com o Grupo das Dez, o que alimentou inveja em lideranças masculinas na comunidade. Após a reunião, foi definido que haveria concessão de uso do solo para os moradores. “Apesar desse ‘pontapé’ com minha carta, os dois anos seguintes não foram fáceis. Nossas reivindicações por melhorias urbanas demoravam muito a ser atendidas” (Rebouças, 2022, p. 285).

Após da audiência com o governador, as dez mulheres fundaram o Centro Social da Vila Planalto, em 1987, criado para assistir socialmente aos moradores mais carentes. Depois, atuou pela permanência da vila como um dos canais de interação do GT-Brasília junto aos moradores.

¹³ Dados do IBGE e da Codeplan (ZARUR, 1996, p. 93).

¹⁴ “Le Groupe des Dix est un bon exemple de la participation familiale à la vie politique locale. Parmi ces dix militantes, trois étaient originaires de la même famille.”

“Os seus membros mantiveram contatos pessoais com autoridades, visitaram moradores considerados importantes na divulgação da proposta do GT-Brasília e foram grandes aliados no desenvolvimento de uma proposta realmente conjunta entre técnicos e moradores” (ZARUR, 1996, p. 106). O Centro Social serviu de suporte para a criação de várias organizações comunitárias da Vila Planalto, como a Creche Pioneira da Vila Planalto e o Grupo Renascer dos Idosos da Vila Planalto.

Assim, a Terracap doou um lote na Rua 4 do Acampamento Rabelo para ser o Centro Social da Vila Planalto e com doações dos moradores, foi construído um barracão pelo senhor Nelson Corso, Francisco Procópio e seu Chapéu. Durante a construção, senhor Nelson Corso¹⁵, mestre de obras do Palácio do Alvorada, faleceu devido a um mal súbito (Rebouças, 2022).

4.2 Associação Dos Moradores

A Associação dos Moradores da Vila Planalto (AMVP) surgiu em 29 de maio de 1982. A primeira reunião foi realizada no Clube Motonáutica para a escolha da primeira diretoria, por sua vez, provisória. Foram eleitos Carlos Antônio Rodrigues Sobrinho, como presidente; Rodolfo Nogueira, como vice-presidente; Hamilton dos Anjos, como tesoureiro; Cecília Robotini, como secretária; Luciano Policarpo, Nelson Corso, Celso Torres e Moacyr Arantes como comissão de apoio. Assim, a primeira assembleia aconteceu em 3 de março de 1983, elegendo o presidente provisório, Carlos Rodrigues Sobrinho, como presidente eleito. Ao todo, foram 461 votos, tendo 765 sócios inscritos (Rebouças, 2022).

Dessa maneira, a associação nasceu com intuito principal de aumentar a articulação dos moradores e pressionar o Estado pela permanência da Vila Planalto, ainda na década de 1980. Com o passar dos anos, a busca por melhoria na infraestrutura também passou a fazer parte da pauta da instituição.

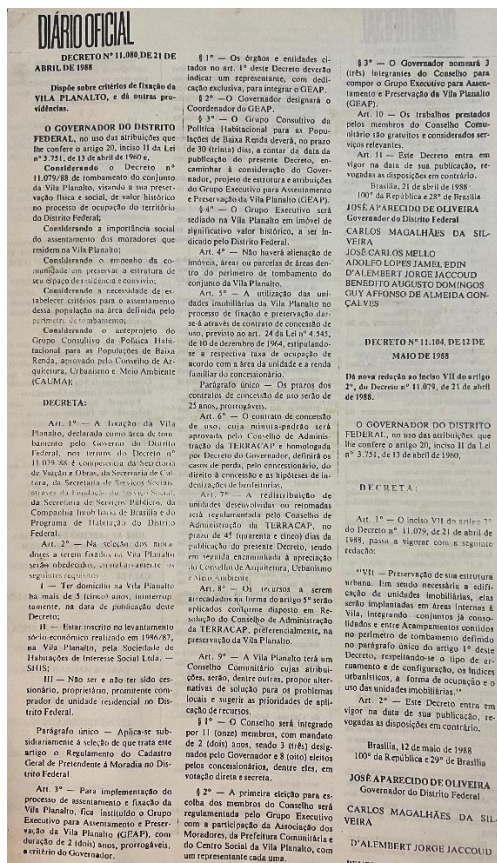
Enfim nós temos associação de moradores e o trabalho da associação de moradores é um trabalho só de reivindicação né. Hoje aqui nós temos uma associação de moradores que tem conhecimento também dentro do governo entra o governo sai o governo entra o governo sai o governo a gente tem tido conhecimento com todos esses governo que passou.

Entrevistado VP-1

¹⁵ A principal praça comunitária da Vila Planalto se encontra no Acampamento Rabelo, construtora em que ele trabalhou e, em sua homenagem, chama-se Praça Nelson Corso.

Uma das primeiras tentativas da Associação de Moradores junto ao poder público foi o envio de um ofício ao então governado do DF, José Ornellas, que se reuniu com integrantes da associação para discutir a fixação dos moradores. Também, foi enviado uma carta ao arquiteto de Brasília, Oscar Niemeyer, solicitando a sua intervenção na regularização da vila, que nada fez na época. No governo seguinte, a situação da Vila Planalto voltou à estaca zero quando o governador eleito, José Aparecido de Oliveira criou a política de erradicação de favelas, chamado “Retorno com Dignidade” “que consistia no pagamento, pelo GDF, da passagem de retorno dos imigrantes para suas cidades de origem – esse tratamento dispensado a essas populações vulneráveis foi denunciado como ‘política higienista”” (Rebouças, 2022, p. 238). Apesar disso, no dia 21 de abril de 1988, a Vila Planalto foi tombada pelo governador, visando a preservação física e social, de valor histórico no processo de ocupação do DF, como mostra o Diário Oficial da União na Figura 10.

Figura 10 – Diário Oficial com o decreto de tombamento da Vila Planalto, em 1988



Fonte: Arquivo Pessoal de Arquimmar Lemos

Contudo, em conjunto com a falta de interesse do Poder Público em regularizar a cidade, veio a falta de planejamento urbano e atenção à comunidade. “A gradual restauração da

democracia, a participação popular e os esforços para vencer os interesses do lucro imediato com empreendimentos imobiliários fortaleceram a luta pela permanência definitiva da Vila Planalto.” (Zarur, 1996, p. 108). Dessa forma, “os primeiros interlocutores junto aos órgãos do Estado para solicitar melhorias para a comunidade foram os membros da primeira diretoria da AMVP” (Rebouças, 2022, p. 239). Apesar dessa mobilização, a diretoria eleita foi acusada de vender doações feitas pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), órgão de assistência social do governo federal na época. O presidente e alguns diretores, após o episódio, afastaram-se dos cargos. Esse episódio marcou a imagem da instituição, perdendo credibilidade e apoio de grande parte da comunidade. As informações sobre o acontecimento possui diferentes versões, aqueles que acreditam que a primeira diretoria foi caluniada e difamada e aqueles que incubem a corrupção à essa gestão. “A AMVP perdera credibilidade dentro e fora da comunidade em razão da forma que se deram essas disputas internas” (Rebouças, 2022, p. 241).

A Associação dos Moradores teve um papel fundamental para o assentamento da comunidade durante muitas gestões, como a exposta na Figura 11, junto com o apoio de outras instituições. Surge, então, na década de 2010, o Fórum Democrático e Popular dos Moradores da Vila Planalto que também agiu na comunidade com Everaldo Rodrigues dos Santos (Cavazzo), Francisco Procópio Leal da Silva, Ieda Coelho Bezerra, João Roberto Costa Júnior (Joãzinho), Wanda Clementina Dias Corso e vários outros membros e ex-membros da Associação dos Moradores. Uma das principais vitórias durante esse tempo na Vila Planalto foi a Lei nº 5.135, de 12 de julho de 2013¹⁶, que garante a segurança jurídica com o caráter permanente da fixação da Vila Planalto.

Apesar das intenções de retirada da vila para a realização de construções imobiliárias luxuosas, a comunidade resistiu após décadas de tentativas, com as primeiras escrituras entregues, em 21 de março de 2014, em uma cerimônia na Escola Classe 01 do Planalto, durante o governo de Agnelo Queiroz, como exposto na Figura 12.

¹⁶ Lei nº 5.135, de 12 de julho de 2013. Acesso pelo link:
https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/74705/Lei_5135_12_07_2013.html

Figura 11 – Chapa da quarta eleição da Associação dos Moradores da Vila Planalto



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 12 – Jornal com a felicidade de pioneiros ao receberem a escritura do lote



Fonte: Jornal Voz da Vila, 2014

A Associação dos Moradores voltou a ter articulação junto ao GDF, com o passar dos governos. Apesar do distanciamento baseado na higienização populacional entre o governo e a população, a associação tornou-se instituição essencial para a sobrevivência da comunidade, como mostrado na Entrevista VP-1. A busca de melhorias na infraestrutura sempre estiveram presentes nas reivindicações da comunidade e em maior parte do tempo, negligenciadas. A revitalização da cidade para a sua conservação histórica e pelo aumento na qualidade de vida da população foram sugeridas em diversas reuniões, como a que aconteceu em 2011¹⁷. Como mostra a Figura 13, a associação busca sempre a melhoria de vida para os moradores, como a revitalização de espaços históricos, como o Complexo Fazendinha (construídas em 1957 para abrigar engenheiros, donos de construtoras e figuras importantes da República), abandonada até os dias de hoje¹⁸, a construção de novas calçadas, melhorias na iluminação e segurança. As promessas de restauração e melhorias ficaram no papel. A exemplo, a reforma da primeira escola do Distrito Federal, a Escola Classe 01 do Planalto, de 1959, construída para alunos

¹⁷ Notícia do jornal Correio Braziliense, do dia 24 de novembro de 2011.

¹⁸ Notícia do jornal Correio Braziliense. Acesso em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/07/5112443-conjunto-fazendinha-na-vila-planalto-esta-sob-risco-de-desabar.html>

filhos de operários e construtores, ficou quase uma década em reforma, a maior parte do tempo, abandonada.

Figura 13 – Jornal com notícia das ações Associação dos Moradores da Vila Planalto



Fonte: Jornal Correio Braziliense, 2011

Hoje a gente faz aqui o nosso conhecimento então a gente consegue trazer várias melhorias pra comunidade. Então a associação de moradores, se não fosse ela hoje dentro da comunidade a situação seria pior ainda né porque é como eu falei nós estamos subordinado a administração do plano piloto a extensão geográfico de Brasília ela é muito grande pra administração e a vila Planalto, como citei Vila Planalto e Vila Telebrasil, fica por último, né. Então graças a Deus a nossa associação ela consegue caminhar e a gente trazer alguns benefícios pra nossa comunidade.

Entrevista VP-1

As reformas e melhorias na Vila Planalto, ditas pela Entrevista VP-1, comumente advêm de ementas parlamentares, tanto de deputados federais como deputados distritais, sem muita frequência e na maioria das vezes, em anos eleitorais, como em 2022, com a reforma do campo

de futebol sintético, as placas de endereçamento e as novas calçadas ou de recursos após muitas reuniões e pedidos da população, como mencionado na Entrevista VP-1

A importância da Associação dos Moradores, conseguimos campo sintético, novas placas de endereçamento, calçado pro pessoal caminhar, reforma do campo de areia, a reforma da escola que ficou paralisada por anos, tudo isso que eu tô te falando antes de acontecer, eu divulguei nas redes sociais ‘ó conseguimos através de tal parlamentar, através de ementa parlamentar’. Então a gente divulga antes, aí depois as coisas acontecem né.

Entrevistado VP-1

4.3 Creche Pioneira da Vila Planalto

A Creche Pioneira da Vila Planalto foi criada em 1993 após um levantamento domiciliar de crianças na Vila Planalto, realizado pela Secretaria de Saúde em parceria com algumas moradoras denominadas “animadoras”. “Antes da Creche ser criada, algumas mulheres do Centro Social da Vila Planalto fizeram um curso do Fundo das Nações Unidas para a Infância e criaram um centro de estimulação, que funcionava no centro comunitário” (Rebouças, 2022, p. 287). Elas eram responsáveis por assistir às crianças desnutridas da vila. Foi observado que havia, na época, a necessidade de maior inclusão e infraestrutura para as crianças da comunidade. Muitas delas estavam em situação de desnutrição, com muita fraqueza, ocasionado pela baixa oferta de saneamento básico, água tratada e esgoto até meados da década de 1990, como destaca a Entrevista VP-2. Por esse motivo, viu-se a urgência da construção do posto de saúde como um desafogo às necessidades sanitárias da população, especialmente das crianças. O levantamento também constatou a necessidade de um local para que as mães e os pais pudessem deixar seus filhos enquanto trabalhavam tranquilamente durante a semana. Nasce, em primeiro momento num barraco, a Creche Pioneira.

Ainda no final da década de 1950, foi construída a Escola Classe 01 do Planalto, que abarca o ensino fundamental e médio, mas não tinha uma instituição de educação infantil, como a creche.

A Secretaria de Saúde fez um levantamento total da Vila Planalto. Como nós aqui morávamos em barraco, o saneamento, nós tínhamos uma água muito ruim, não tínhamos esgoto, então o esgoto corria céu aberto. Aí foi que se descobriu que na Vila Planalto tinha muita criança desnutrida. O fator de desnutrição da criança aqui era velho, né e tudo e as crianças andavam aí de

qualquer jeito. Então a secretaria veio, fez esse levantamento e viu que havia a necessidade de fato de se criar um cantinho, um lugar para se agasalhar essas crianças. Logo em seguida foi fundado o nosso posto de saúde onde tinha um atendimento né, com os médicos. E nosso posto de saúde, ele era um posto de saúde arranjado e nós, a comunidade que se movimentou e foi lá e conseguiu um sofá, uma cadeira, uma mesa, tudo. Aí depois, como conseguimos que viesse os médicos. Aí vieram três profissionais, veio um ginecologista, veio um clínico e um pediatra para atender essas crianças

Entrevista VP-2

As reivindicações para a criação de infraestrutura para crianças sempre foi presente na Vila Planalto. A primeira e última pesquisa¹⁹ de dados sociais e demográficos da Vila Planalto data de 2009, realizada pela antiga Companhia de Planejamento (CODEPLAN), atual Instituto de Pesquisa e Estatísticas do DF (IPEDF) (CODEPLAN, 2009). De acordo com essa pesquisa, 100% dos domicílios tinham água tratada, bem como 98% com iluminação pública, calçada, meio fio, asfalto e rede pluvial, muito explicado pela condição espacial da vila, ao lado da residência oficial da Presidência da República, no centro do Plano Piloto. Apesar da pesquisa realizada em 2009, Socorro, presidente da Creche Pioneira da Vila Planalto, afirmou que o saneamento básico e infraestrutura pública nem sempre foram disponíveis na comunidade. Por muitos anos, a invisibilidade social da vila a deixou à margem dos investimentos públicos, trabalhadores da construção da capital jogados ao abismo, com filhos e netos sofrendo desnutrição e desamparo do Poder Público. Tanto a construção do posto de saúde, como da Creche Pioneira e a Escola Classe 01 foram realizadas a partir da união dos moradores.

Na pesquisa, é mostrado que 6,3% da população eram de crianças de 0 a 4 anos 14,7% de crianças em faixa etária escolar de 5 a 14 anos. Esses dados são importantes ao analisarmos os demais dados e aspectos sociais na vila ao longo dos anos. A população tinha em 2009, 2,2% de analfabeto, 28,5% com fundamental incompleto, 24,3% médio incompleto e 9,4% possuíam nível superior, demonstrando que a maior parte da população era de pessoas com baixo grau de escolaridade, havendo uma parcela considerável de escolaridade alta (CODEPLAN, 2009). Esses dados complementam a afirmação de que na Vila Planalto a desigualdade social e de oferta à educação permeia a comunidade desde sua fundação. Desse modo, a necessidade da criação de uma creche e de atendimento sanitário para a população resultou de uma união comunitária, no qual um ajudava com um mantimento, outro com voluntariado, por exemplo.

¹⁹ Pesquisa realizada em 2009 pelo Instituto de Pesquisa e Estatísticas do Distrito Federal (IPEDF). Acesso em: <https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Levantamento-Domiciliar-Socioecon%C3%B4mico-da-Vila-Planalto-2009.pdf>

Nós não tínhamos espaço. Como é que vai se fundar uma creche se não tem um espaço próprio? Aí a gente fez o seguinte: Vila Planalto era cheia de barracões de madeira. Não eram casas, eram barracões da construção de Brasília que foi ficando. Quem trabalhou aqui e era solteiro nos acampamentos dos solteiros trazia os familiares e se agasalhava e tinha também os Engenheiros, as pessoas mais importantes da criação de Brasília que ficaram com as partes maiores. Quem ocupava aqueles barracões, obviamente, arrumavam direitinho, deixava mais bonitinho, né? Aí, apresentaram um barracão que era de um dos engenheiros e a gente viu que ele morava sozinho. Naquele momento, nós fizemos uma guerrinha para conseguir essa barraca para que fosse fundado a Creche Pioneira. Antes disso, uma das moradoras também pensou em fazer uma creche provisória. Assim, a gente foi agasalhando pouca criança, mas foi muito pouca criança mesmo. As mais necessárias em que o pai tava precisando (...) Ela (a creche) era na praça, era um barracão.

Entrevista VP-2

Assim como a maior parte da formação das instituições da Vila Planalto, a Creche Pioneira também surgiu através de muita luta e solidariedade dos moradores, como doação de alimentos, reivindicações da própria vida pessoal, ao se passar décadas à frente de uma instituição, por exemplo, como afirma a Entrevista VP-2. A busca permanente da sociedade perante as autoridades públicas foi o fator determinante para a constituição e cumprimento dos direitos básicos da população.

Depois que o barracão foi iniciado, a gente foi procurar o governador da época, o secretário de saúde que era na época do Frejat. Ele era muito bondoso com muita gente. Vivia dando chá de cadeira na gente. Depois que a gente conseguiu o posto de saúde, depois de lutar pelo espaço do posto de saúde, fomos lutar pelo espaço para creche, que hoje é a Creche Pioneira. Conseguimos o espaço, mas aí lá vem outro problema: Como agasalhar essas crianças? Não tinha mesa, não tinha cadeira, tinha só o espaço. Dona Wanda, nossa presidente (na época), a nossa primeira presidente que passou 30 anos governando a creche. Ela teve ajuda da LBA na época que veio dá assistência. LBA, Legião Brasileira de Assistência. Como não tinha verba para assistir, como é que nós íamos alimentar essas crianças? Então tinha que ser só na base da doação. Uma pessoa que nos ajudou muito chama-se Seu Geraldo do Armazém. Ele trazia da fazenda dele verdura, fruta e ia deixar. Era uma associação de amigos porque eles se juntaram no trabalho deles e doava um leite cada um dava uma lata de leite ou duas latas de leite, aí juntava 30 a 40 latas de leite e eles levavam para creche para passar para as crianças.

Entrevista VP-2

A dona Wanda não tinha recursos para pagar o pessoal para trabalhar, mas aí cada um ia lá dava seu momento, suas horas, seu tempo. Mas aí a dona Wanda conseguiu uma ajuda de custo para ajudar essas monitoras para que a creche realmente andasse, né. Aí surgiu essa ajuda que não era muita coisa, mas era uma ajuda para as monitoras e na época meio que tinha famílias ajudando

(voluntário), né. Passaram-se os anos e aí o a gente foi buscar ajuda diretamente ao governo porque a gente tinha que buscar ajuda ao governo. Foi aí que creche começou a ficar em pé. Aí houve também ajuda da outra parte, porque era só um barracão, era só a outra parte. Aí o governo completou mais cinco salas, dois banheiros e uma cozinha. Aí houve a mudança de barracão e alvenaria. Foi a 15 anos atrás, quando a verba começou a vir de fato para construir, e hoje a creche é toda de alvenaria, antes era uma parte de alvenaria e outra de madeira. Aí com o passar dos tempos foi se desmanchando a madeira, porque a madeira o cupim comeu. Aí quando veio a mudança na Vila Planalto, quando a vila foi transformada, porque antes tudo aqui era barracão e depois foi alinhado. A exigência era pra gente só construir as áreas molhadas como banheiro e cozinha e o restante seria de madeira. Mas não funcionou porque a madeira era mais cara e acabou que a gente fez tudo de alvenaria. Hoje é a alvenaria.

Entrevista VP-2

O trabalho voluntário foi a engrenagem do motor de funcionamento da creche. Como não havia recursos para o pagamento de funcionários, a solidariedade foi o motivo que várias pessoas se reuniram e criaram uma instituição que acolhesse as crianças da comunidade e de fora dela. Atualmente, apenas a diretoria, formada por pioneiros e filhos dos pioneiros, são voluntários.

Na creche a gente não tem muito divisor. A gente é de tudo um pouco. Dá pra fazer? É apto a fazer? Você tem conhecimento, então você faz sem aquele título de presidente, diretora. Não interessa. Você é um colaborador da creche. Eu acho que é super importante. Se for falar de criança, o nosso é educação infantil. Nós estamos preparando as crianças para a escola. Porque a creche atende a criança de um ano a quatro anos. Isso é um preparo e uma ajuda a comunidade. Porque a maioria dos pais que têm criança na creche, trabalham. Então já é uma forma de acolher a criança para que o pai e mãe trabalhem. Porque hoje a gente precisa que pai e mãe trabalhem. Então nossa comunidade, apesar de não ser só crianças da comunidade, ela abrange toda a Brasília, então é uma ajuda maravilhosa para os pais. Hoje nós temos ajuda do governo total, ajuda total que eu digo é o governo manda uma verba para que sejam pagos os funcionários, todos os funcionários são pagos, nós como somos da diretoria, nós somos ainda voluntários, porque na nossa documentação não é aceito que sejamos remunerados, e sim voluntários, pr, vice pr e diretores são todos voluntários e os demais são todos remunerados. O pessoal da cozinha, da limpeza, os educadores que são professores e monitores. Hoje nós temos 186 crianças aos nossos cuidados. A fundação da Creche foi muito bonita. Foi uma coisa que surgiu do nada. Com o estalar dos dedos, surgiu debaixo e hoje essa estrutura. Temos oito salas de aula, temos refeitório, temos pátio, temos cozinha, temos nossos depósitos.

Entrevista VP-2

4.4 Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia

Com a construção de Brasília

E da Igreja-mãe Catedral

*Foi erguida como capela
Por pioneiros desta capital
(Hino do Jubileu de 25 anos da Paróquia Nossa Senhora do Rosário
de Pompéia)*

O catolicismo possui forte influência sobre a formação social brasileira, sendo a principal religião do Brasil. Em 2010, cerca de 60,71% da população brasileira se considerava católica, de acordo com o IBGE²⁰. Nesse sentido, a pesquisa do IPEDF na Vila Planalto em 2009, mostra que 66,6% da comunidade era católica. Pode-se constatar que a Vila Planalto seguiu a formação social brasileira patriarcal, católica e miscigenada, no qual a família é formada pela heteronormatividade e com alicerces cristãos. Todavia, o crescimento de fiéis evangélicos neopentecostais no Brasil, também se reflete na Vila Planalto. Atualmente, há cerca de 10 igrejas evangélicas, entre neopentecostais, pentecostais e missionárias. A grande quantidade de igrejas e a constituição de uma comunidade religiosa se explica tanto pelo tradicionalismo cristão social quanto pela ausência do Estado. O pentecostalismo possui capacidade de selecionar, resinificar e incorporar elementos de outras religiões confessionais, com plasticidade e dinamismo e características como a rigidez moral, o apoliticismo e o apartamento da cultura brasileira (Machado, 2006). Dentre as igrejas evangélicas mais antigas, destaca-se a Assembleia de Deus, que funcionava na Vila Amaury e foi transferida para a Vila Planalto no Acampamento Construtora Nacional, com os fundadores pastor Antônio Leite, pastor João Ferreira e os evangelistas Miguel Gonçalves e Luiz Rodrigues, em 1979. Há também a Igreja Universal, datada na vila do início dos anos 2000.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompeia possui grande números de fieis. Fundada em 14 de junho de 1959, foi construída pelos próprios operários toda em madeira, como a primeira capela de Brasília, tendo como primeiro vigário, Frei Marcos Lacerda. Fundada também na mesma época, a capela Nossa Senhora da Imaculada Conceição na Vila Amaury. Nesse período, a capela também sediava a Catedral Metropolitana de Brasília até 1970, ano de sua inauguração. Com a ascensão à paróquia em 1989, padre Ítalo Guerrero se torna o primeiro pároco. Após alguns anos, no 5 de março de 2000, um incêndio destruiu completamente a igreja, passando as atividade religiosas para um espaço cedido pela Novacap no Conjunto Fazendinha, chamado atualmente de Parque de Ação Paroquial (PAP). Entretanto, o PAP tinha infraestrutura precária para receber as celebrações, que foram repassadas para a Escola Classe 01 e a Creche

²⁰ Dados do último censo demográfico divulgado pelo IBGE, em 2010. Acesso em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>

Pioneira, e a reforma do PAP demoraria para acontecer devido à alegação de falta de dinheiro do governo e o tombamento da paróquia. Em 2007, foi entregue a reforma da igreja toda em madeira para a comunidade, com o padre Rodrigo Amaral enquanto pároco.

Até sua elevação à paróquia, passou pela igreja o Monsenhor Geraldo D'Ávila, responsável e criador da distribuição da Sopa de São Francisco da Vila Planalto, ao lado de dona Maria de Nazaré, avó do arcebispo militar do Brasil, Dom Marcony Ferreira. “E tudo era preparado (a sopa) graças a doações, desde verdura/legumes e carnes/frangos até os sagrados pães de acompanhamento. Para tanto, a ajuda das senhoras do Grupo Vicentinos, que se revezavam, era fundamental” (Rebouças, p. 155, 2022).

O grupo Vicentinos é uma instituição vinculada à paróquia que tem realizado trabalhos assistenciais aos moradores mais carentes da Vila Planalto desde 1960, logo depois da criação da capela da comunidade.

Vicentinos é uma conferência que ajuda pessoas carentes né. A gente faz a obra para São Vicente. Então, é um trabalho que a gente faz pra ajudar os pobres né, aqueles mais necessitados e assim entrei na conferência em 2013, né porque como membro na conferência a gente costuma tratar as mulheres de consorte e os homens de confrade. Eu fui consorte há um bom tempo aí em 2019 que eu fui ser presidente da conferência.

Entrevista VP-3

Essa conferência ela já existe desde 1960, né. Ela é bem antiga, essa conferência foi desativada um tempo e depois foi reativada aqui na vila. Essa conferência só atua aqui na vila Planalto porque a conferência ajuda junto com a igreja, né? A conferência anda junto com a igreja pra ajudar. Porque a igreja faz a caridade, né? Assim como os vicentino também. Então aí a conferência não é bem ligada à igreja, mas tem que andar junto com a igreja sim. Então ela é uma conferência independente. Por exemplo, se a igreja não quiser uma conferência de vicentinos, a gente pode atuar mesmo sem a permissão da igreja, entendeu? Não precisa (ser vinculada à igreja), mas é importante sim, porque quando o padre quando tá vinculado a igreja e o padre ajudando e o padre permite, fica muito melhor a ajuda que a gente recebe, porque a gente recebe ajuda de benfeitores da comunidade, né?

Entrevista VP-3

A Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompeia possui diversos grupos que fazem atendimento social, chamados de pastorais. Entre as pastorais existentes na igreja, há a pastoral da saúde e a pastoral da família, que cuidam e orientam idosos e famílias nas questões de atendimento de saúde e assistência social. O grupo Vicentinos é o mais antigo grupo assistencial da Vila Planalto, ajudando em média 11 famílias carentes da comunidade.

Mas são famílias que paga aluguel muito caro que aqui na vila. Hoje em dia aluguel é muito caro né? Mas eles preferem ficar aqui porque é perto de tudo. Então eles preferem sacrificarem né pra viver aqui na vila Planalto sim, e eles também são moradores há muito tempo aqui, filhos de pioneiros, netos pioneiros ou são pessoas que vieram depois. São poucos os filhos de pioneiros, alguns já venderam, ganharam aqui né, venderam, foram morar fora daqui da vila, depois voltaram pra cá, mas voltaram pra morar de aluguel.

Entrevista VP-3

Observa-se que de acordo com a entrevistada, a maioria das famílias assistidas pelo grupo Vicentinos é de pioneiros, filhos ou netos de pioneiros. Esse fato consiste no fenômeno de gentrificação da Vila Planalto. Após o recebimento das escrituras das casas, muitos pioneiros ou seus herdeiros resolveram vender os lotes e posteriormente, arrependidos, voltam para morar de aluguel. A valorização de construções novas e modernas atrelado ao posicionamento geográfico da cidade encaminha para um encarecimento territorial do espaço. Siqueira (2014) define a mudança de residências através de reformas feitas por novos moradores que possuem um padrão socioeconômico mais elevado. Esse acontecimento tem se tornado cada vez mais recorrente na Vila Planalto²¹, aumentando o número de pioneiros ou familiares morando de aluguel e/ou necessitando de ajuda. Há também um grande número de famílias com mães solteiras ou com companheiros presos, que são amparados pelo grupo.

As família que a gente assiste tem alguns idosos né mas são mais mães solteiras com muitos filhos, algumas têm a presença do esposo, e muitas vezes o companheiro tá preso. Tem muitas famílias que a gente assiste que não são católicas, são evangélicas, mas elas permitem que a gente entre na casa delas, que a gente faça oração. E a gente fica sempre preocupado se tá indo à escola né. Se não tem dinheiro para o transporte a gente ajuda.

Entrevista VP-3

Portanto, a presença do grupo Vicentinos, há mais de 60 anos na comunidade, faz-se necessária para o assistencialismo aos pioneiros. Para além de apenas uma ajuda, é possível notar o sentimento solidário e comunitário presente nesse grupo.

Outro grupo existente desde 2015 é a Roda de Terapia Comunitária Integrativa Pioneira da Vila Planalto. É uma instituição organizada pela Jaira Leite, aberta às pessoas de diferentes religiões e que se reúne uma vez por semana no Parque de Ações Paroquiais (PAP). Durante os encontros, os moradores da Vila conversam temas recorrentes do dia a dia e desabafam sobre seus sentimentos de forma comunitária, onde possam encontrar acolhimento e aconchego.

²¹ Além da gentrificação residencial, há o aumento comercial da cidade, no qual há o surgimento avançado de lotes comerciais.

4.5 Associação dos Idosos Renascer dos Pioneiros da Vila Planalto

Com uma população aproximada de 11,7% de idosos, de acordo com a última pesquisa do IPEDF (2009), a Vila Planalto concentra uma grande quantidade desse grupo devido ao seu caráter histórico na construção de Brasília. Assim, a criação da Associação dos Idosos, datada da década de 1980, foi importante para a aproximação e unificação dos pioneiros pela luta na comunidade. Ademais, o grupo dos idosos também é uma forma de compartilhamento de rotinas e conversas entre pessoas da mesma idade de um grupo vulnerável.

A casa dos idosos, na verdade a gente chama a casa dos idosos né, é uma associação. Já existe há mais de trinta anos e eu já ajudo eles há mais de vinte anos, mas sempre ajudei como voluntária, fazendo as eleições, ajudando nas festas de final de ano, dia das mães e tudo mais. Até que ano retrasado, tivemos a eleição e me colocaram como presidente. Então a casa é uma casa de reuniões. A gente se encontra todas as quartas-feiras, a partir das 14h. Aí sempre tem alguém do posto (de saúde) pra aferir a pressão. Nós temos um psicólogo que também vai lá pra conversar com as idosas, fazemos festa do dia das mães, festa do dia do idoso, que é agora em setembro, festa de Natal, tudo isso.

Entrevista VP-4

A Associação dos Idosos surgiu a partir do Grupo das Dez e se encontravam semanalmente em uma casa no Conjunto Fazendinha, no Acampamento Pacheco Fernandes para realizar oficinas de pintura, bordado e atividades de lazer. Após uma troca com a Comunidade Kolping, a associação passou a ser em uma casa no Centro Comunitário da Vila Planalto²². Dentre as principais representantes da associação na época, destaca-se dona Maria do Chapéu e dona Albaniza Rebouças. Organizado com eleições internas com chapas para presidente, vice-presidente, tesoureiro e diretorias, a Renascer dos Pioneiros da Vila Planalto possui escrutínio a cada quatro anos.

Dona Conceição, que já é falecida, sempre me chamava ‘Denise, decora lá a casa pra gente porque você entende de decoração’. Acabou que eu comecei a decorar e comecei também a organizar as festas, como eu falei, do Dia das Mães, do Natal, do Dia do Idoso. E assim, quando eu fui me envolvendo aí com passeios com elas, com viagens pra água mineral, com viagens pra Caldas

²² ²² O Centro Comunitário, onde fica a sede da Associação dos Idosos, localiza-se na Praça Nelson Corso, no Acampamento Rabelo.

Novas, né. Nós tínhamos uma professora de educação física, que era da UnB e ela participava lá dando aula de educação física pros idosos, né. Ela sempre trazia pacotes (de viagem) e esses meninos e as meninas fechavam pacote e eu ajudava ela a levar pra essas viagem. Aparecida do Norte também fomos. Já fomos também pra Bom Jesus da Lapa. Sempre fui acompanhando os idosos, como elas me chamam de “rodomoça”, porque sempre ajudei elas a levar mala, trazer mala, levar uma pro banheiro e assim foi minha convivência com elas. Antigamente era mais cheio (o grupo de idosos), né? Nós chegamos a ter 50 idosos.

Entrevista VP-4

Durante muito tempo, a associação foi muito atuante com os idosos, com passeios ao ar livre, presença de profissionais de saúde, lazer e educação física, viagens de caravanas para lugares religiosos e de diversão, comemoração de aniversariantes mensais, datas comemorativas e todo o tipo de entretenimento e aprendizado para se manter saudável a vida da comunidade. Uma das presidentes que passou pela associação, dona Ieda Coelho, fundou uma pequena praça para que atividade de artesanato fosse desenvolvida ao ar livre, localizada na entrada da cidade. A participação das moradoras sempre foi constante até em concursos representando o grupo. “Esse grupo conseguiu eleger a candidata da Vila como Rainha do Carnaval da Terceira Idade de Brasília, dona Icila Damasceno” (Rebouças, 2022, p. 288). A presença constante nas reuniões e atividades, com cerca de 50 idosos membros atuantes, foi reduzida drasticamente após a pandemia de Covid-19.

4.6 O coletivo e o individual: as formas de participação política da comunidade

Com a finalidade de analisar as ações das instituições da Vila Planalto durante a pandemia, contextualizarei o conceito de solidariedade comunitária. A solidariedade permeia o estudo de sociólogos há séculos na busca pela compreensão desse sentimento nas relações sociais. Para Durkheim (1893), a solidariedade é uma relação moral que permite aos indivíduos se perceber como pertencentes à mesma sociedade. Esses valores são fundamentados nas tradições, nos costumes e na forma como funcionamos em sociedade, considerando o trabalho como o principal gerador de solidariedade. Desse modo, ao olharmos para o caso da Vila Planalto, é possível observar que as reivindicações pela permanência e melhoria da Vila Planalto surgiram ainda nos primeiros anos de Brasília, mas não era um movimento organizado. A solidariedade comunitária permeou desde o início da Vila Planalto, ainda nos canteiros de

obra, fruto das relações no cotidiano e o enfrentamento das dificuldades similares ou congruentes entre os operários. Com a inauguração de Brasília e a convivência diária durante os anos, o sentimento de solidariedade comunitária começou a surgir. Pode-se exemplificar com situações em que fiscais eram enviados pela Terracap para retirar os moradores que recebiam apoio uns dos outros.

Houve um caso de remoção de barracos (...) quando os fiscais da Terracap chegaram em casa, só encontraram as crianças. A mãe estava trabalhando. Mesmo assim, os fiscais não tiveram compaixão: tiraram tudo de dentro da casa (...). Quem amparou as crianças (...) foram seus vizinhos (Rebouças, 2022, p. 266).

Os interesses individuais, contudo, interferiam na construção de um movimento único a favor dos moradores. Para Rebouças (2022), líderes que se formavam eram cooptados tanto pelo tratamento diferenciado dos fiscais para com alguns moradores, quanto, em anos mais tarde, do poder público com lideranças. “A questão da representatividade da população (...) vai expor a fragilidade dos laços de solidariedade entre os moradores e explicitar os conflitos de interesse de cada segmento social do assentamento, cujas lideranças trocavam acusações entre si” (Zarur, 1996, p. 104-105). Assim, as divergências entre os dirigentes de entidades representativas atacavam uns aos outros por disputa de poder, o que dificultava a mobilização (Rebouças, 2022).

O não se reconhecer enquanto atores políticos também foi um dos motivos de desmobilização na vila, que ocasionou a existência das mesmas lideranças por anos na comunidade e a falta de diálogo com atores governamentais.

A baixa ou quase nula participação política dos moradores em geral, se mostra, além de uma definição de subordinação dessa comunidade para com outras, mas também uma despolitização imposta e sem incentivos para a inclusão nos processos de tomadas de decisão. Sousa (2007) explica que na segunda metade do século XX, houve uma grande migração rural de pessoas pobres para as grandes cidades da América Latina, provocando questionamentos quanto à inserção política, social e econômica dessa população. Assim, pode-se comparar com esses pioneiros que vieram em maior parte do interior do Nordeste e Sudeste na década de 1950/1960, muitos analfabetos, que tinham consigo as mesmas práticas políticas interioranas no Brasil, como o coronelismo e o clientelismo. “A maioria dos moradores da Vila Planalto não se reconhecia como cidadã, com direitos e, principalmente, com direito à moradia” (Rebouças, 2022, p. 245).

Desse modo, a construção de um movimento organizado comunitário tomou forma com o baixo engajamento da população ao passo que a consciência política manteve-se como no início. As conquistas de moradia e melhorias na cidade vieram através de lideranças comunitárias que estiveram presentes por muitos anos nessa mesma função. A solidariedade comunitária fincou-se no caráter social e religioso e não se espalhou para uma organização, de fato, institucional em busca do desenvolvimento e bem-estar social.

Eu falei que eu fui administrador aqui na cidade. Eu tenho 27 anos que trabalho aqui na vila Planalto né e hoje eu trabalho porque a vila Planalto corre no meu sangue. Aqui eu cheguei com quatro meses, tô com cinquenta e seis anos né e hoje meu trabalho se tornou um vício né. Confesso que já estou um pouco cansado né. Eu acho que eu tenho que às vezes cuidar um pouco da minha vida particular, aproveitar os instantes finais da vida e tomar de conta de mim.

Entrevista VP-1

Quando eu entrei na creche eu era monitora, voluntária. Com o passar dos anos, ai me convidaram para fazer parte da diretoria da creche. Primeiro fui diretora social, então cuidava da parte social da creche. Bazar, festa junina, buscar as coisas, pedir, porque a gente ficava na pidaça mesmo. Então fiquei muito tempo como diretora social. De quatro em quatro anos muda. Passei esses quatro anos, nos quatro anos seguintes passei a vice-presidente. Ai vice-presidente fiquei uns 10 anos ou mais. Pelos critérios da creche, não houve mudança de presidente. A dona Wanda foi presidente desde a inauguração até no falecimento dela, ano passado, então foram 30 anos dela na presidência.

Entrevista VP-2

5 SOLIDARIEDADE E A VILA PLANALTO NA PANDEMIA DE COVID-19: AÇÕES DAS INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS

5.1 Ações das organizações civis na pandemia de Covid-19: Vila Planalto

Com a chegada do vírus da Covid-19 ao Brasil, vivemos um período inesperado e diferente enquanto sociedade e nas nossas relações. Sem poder sair de casa, muitas pessoas foram demitidas ou tiveram que pedir demissão, escolas, universidades, estabelecimentos e eventos estiveram fechados.

Com a ausência de políticas públicas no combate à pandemia, as organizações da Vila Planalto se mobilizaram para ajudar as famílias necessitadas. Apesar da carência de ações por parte do Estado, as organizações buscaram apoio da própria comunidade. Durante a pandemia, foi preciso adequar a maneira de minimizar o sofrimento da dor da perda, as dificuldades financeiras e o medo do isolamento. “O primeiro desafio imposto pelas grandes emergências é mobilizar rapidamente essa rede de potenciais parceiros da sociedade civil para auxiliar nas

ações” (Alves e Costa, 2020, p. 8). Logo, as organizações que adentram as comunidade, como instituições religiosas, associações, grupos comunitários, etc, obtiveram mais sucesso na realização de ações às respostas das consequências do isolamento e do vírus. Ou seja, a união de familiares e formação de uma corrente de solidariedade foram fontes fundamentais de assistência. “Inúmeros exemplos indicam que, com ou sem a coordenação do governo, o terceiro setor tende a se mobilizar para responder às grandes emergências” (Alves e Costa, 2020, p. 8).

A inércia do Poder Público em tomar medidas necessárias diante a pandemia influenciou na proliferação de casos e mortes, sem uma política sanitária e de assistência social eficaz para a população que mais precisava²³. A falta de ações no combate a pandemia de Covid-19 é consequência do aumento de políticas neoliberais desencadeadas por um desmonte da estrutura institucional no primeiro ano de governo Bolsonaro, segundo Dweck (2021). No âmbito do Distrito Federal, o governador tomou algumas medidas sanitárias e de apoio social para famílias de baixa renda e para creches, como o Programa Prato Cheio e o Cartão Creche²⁴, porém, despejos de famílias com crianças e idosos durante a pandemia ocorreram de forma recorrente, como por exemplo, um despejo de várias famílias na L4 Norte, em 2021, há menos de 1 km de distância da Vila Planalto²⁵.

O desmonte das políticas públicas durante a pandemia influenciou no aumento do apoio comunitário, no fortalecimento de organizações civis e no surgimento de novas instituições comunitárias pelo país, de forma independente. “Há, ainda, um grupo importante de organizações da sociedade civil, as (OSCs), cuja função social destaca-se nos momentos de grande comoção pública. Há diversos exemplos de mobilização espontânea da sociedade civil para minimizar os danos da Covid-19 e que poderiam ser ampliados com apoio e coordenação governamental” (Alves e Costa, 2020, p. 2).

O avanço da pandemia se deu, majoritariamente, na população periférica e mais pobre. Pimenta, Henriques e Machado (2020) explicam que pelas características da doença e pelos fatores socioeconômicos, o vírus se espalharia facilmente pelos setores mais pobres da

²³ Notícia do jornal El País destaca os crimes avaliados pela CPI da Pandemia, no Senado Federal, em 2021. Acesso em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-21/os-principais-culpados-pelas-mais-de-600000-mortes-da-covid-19-no-brasil-segundo-a-cpi-da-pandemia.html>

²⁴ Notícia do jornal Correio Braziliense sobre as ações do governo Ibaneis durante a pandemia. Acesso em: <https://www.correiobraziliense.com.br/parceiros/gdf/2021/07/4940792-programas-sociais-do-gdf-socorrem-mais-de-700-mil-pessoas-na-pandemia.html>

²⁵ Notícia do jornal Correio Braziliense. Acesso em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/03/4913928-juiz-proibe-gdf-de-fazer-desocupacao-em-assentamento-na-l4-norte-durante-a-pandemia.html>

sociedade, com baixa prevenção e falta de acessibilidade aos tratamentos, atrelados à falta de saneamento básico e higiene. Diante do exposto, compreende-se que as comunidades se organizaram e se juntaram visando o apoio comunitário e o combate ao vírus, seja por meio de doações, acompanhamentos profissionais ou proteção à parcela mais afetada, como idosos.

Desde então, várias iniciativas se organizaram para mitigar estes impactos e melhorar as condições de enfrentamento e as próprias periferias acionaram seus canais comunitários para encarar o desafio, por conta própria ou em alianças e parcerias: associações de moradores, organizações não-governamentais, coletivos, grupos de cultura, dentre outros, redirecionaram suas ações, emergencialmente, para atender às famílias que já começavam a passar fome, realizando ações de cadastro, arrecadação e distribuição de cestas básicas e de material de higiene, criando financiamentos coletivos online etc. Além disso, novas iniciativas surgiram para lidar especificamente com as consequências da pandemia, também atuando na área de segurança alimentar e promoção/proteção da saúde (Pimenta, Henriques e Machado, 2020, p. 87-106).

Na Vila Planalto, a existência das instituições de caridade e das organizações civis evitou que muitas pessoas passassem fome ou ficasse sem ter acesso à assistência de saúde. A união e a familiaridade entre os moradores, que se estende há décadas, foram catalisadoras da solidariedade em meio a um momento de caos, desinformação e desamparo.

Se não tivesse a Conferência dos Vicentinos, não só aqui na Vila Planalto como na maioria das cidades aqui em Brasília, eu não sei o que teria acontecido com essas famílias. As famílias realmente teriam passado fome. Não podia sair, não tinha como trabalhar pra conseguir dinheiro pra comprar alguma coisa. Então o pessoal tinha passado fome.

Entrevista VP-3

Nas entrevistas realizadas com os líderes de algumas instituições da Vila Planalto, é dito sempre que para além de uma surpresa, a pandemia deixou muitos moradores desempregados, crianças sem aula e pessoas em situação de grave vulnerabilidade sanitária e social. Por outro lado, como exposto anteriormente, a situação de muitos pioneiros e de moradores posteriores é de desamparo do Estado desde muito antes da pandemia.

A dificuldade de acesso à educação e à saúde, por exemplo, é presente desde a criação da vila pelos operários, como exposto nesta monografia. Ademais, em grande parte, a composição familiar durante a pandemia na vila foi de idosos e idosas, cujos filhos ficaram desempregados e retornaram para a casa dos pais, dependendo de suas respectivas aposentadorias; de idosos morando sozinhos ou de mães solteiras e desempregadas, ao passo que era possível encontrar famílias com alta renda numa mesma rua.

A surpresa da pandemia abalou as famílias vilenas, desde as crianças, com a impossibilidade de socializarem e estudarem presencialmente, gerando prejuízos educacionais e sociais. Como para adultos, que ficaram desempregados e necessitando de seus pais como fonte de renda e sobrecarregando-os. Quanto para idosos, sobrecarregados com despesas de familiares por serem os únicos com renda fixa pela aposentadoria ou impedidos de saírem por ser um dos grupos mais vulneráveis à doença, como declarado nas entrevistas a seguir.

Na pandemia o que que aconteceu, o filho ficou desempregado, aí trouxe a esposa pra dentro da casa da mãe, porque a mãe é idosa e mora só e aí traz esposa, traz filhos, e aí é esposa e esposo desempregados, vivendo só do salário do aposentado. Aí onde surgiu essa parte aí que a gente teve que ajudar com cesta básica.

Entrevista VP-4

A pandemia desempregou muita gente, fez com que muitas pessoas ficassem dentro de casa. A Vila, como eu mesmo te falei, ela tem pessoas carentes por mais que muitas pessoas acham que não tem, mas aqui tem pessoas carentes. Temos muitas pessoas que moram aí no fundo de quintal em aluguel, mora em quartinho pequenininho. Então, tem muita gente lá fora que não enxerga isso da Vila, acha que aqui só mora bacana.

Entrevista VP-1

Apesar de ser uma doença pega de surpresa, foi uma surpresa mundial que pegou a gente de calça curta. As crianças estavam na creche e chegou o anúncio, depois a mídia fala. Foi um alarde. O que fizemos? Tivemos que parar. O mundo parou.

Entrevista VP-2

Abers e von Bülow (2020) destacam que milhares de iniciativas formaram sistemas para o recebimento e envio de doação de alimentos, dinheiro e produtos de higiene para as populações mais afetadas pela pandemia. Dentre as cinco instituições entrevistadas, todas declararam que a ajuda se deu principalmente por cestas básicas, como destaca o presidente da Associação dos Moradores da Vila Planalto, Vantuil Santana e a presidente da Creche Pioneira, Socorro.

Então na época da pandemia, nós da associação de moradores, conseguimos distribuir em torno de 600 cestas básicas aqui na vila planalto. Teve uma noite que nós distribuimos mais de 250 jantãs aqui na sede da associação. As cestas nós conseguimos com parceria com o próprio comerciante, com o próprio morador, com o próprio pastor de igreja, com a própria igreja católica nos ajudando e nós fizemos essa distribuição aqui na vila Planalto.

Entrevista VP-1

Aqueles pais que a gente via, estavam carentes, estavam com problemas, a gente doou também cesta básica de alimentos. Mas essa não era do governo,

foi ações mesmo da própria creche. Pessoas que doaram e a gente repassava para as famílias.

Entrevista VP-2

As doações das cestas básicas partiram de diferentes remetentes. Estabelecimentos, como os mercados e lojas da comunidade foram importantes na arrecadação desses alimentos, sejam como doadores ou de outra forma. Além da representatividade política, a Associação dos Moradores buscou ajudar os moradores de diversas formas.

A associação de moradores quando ela é procurada, ajuda. Nós colocamos uma caixa no supermercado. Deixamos lá uns quinze dias essa caixa e colocamos um cartaz pedindo alimentação. Então o próprio morador quando ia fazer compra quando ele via aquilo lá ele já depositava. Essa arrecadação que nós fizemos no mercado ajudou bastante a gente pra completar 600 cestas. Eu passei carro de som em rua por rua pedindo alimentação e o pessoal da associação aí embaixo batendo em porta em porta.

Entrevista VP-1

Desse modo, as organizações tiveram que realizar ações criativas nesse período para prestar assistência aos moradores. A Associação dos Idosos criou um bazar virtual, no qual a presidente da associação recolheu doações de vestuário e colocou à venda na internet e, com o dinheiro arrecadado comprou cestas básicas para doação. A persistência em ajudar aos outros moradores, demonstrada pela Entrevista VP-4, não foi abalada nem mesmo após conflitos e dificuldades com agentes governamentais.

Eu tive que mandar mensagem pra várias amigas minhas no *Whatsapp* pedindo roupas usadas e tudo. Aí foi onde eu abri o bazar. Só que na época não podia tá aberto nada né. Então eu fazia o bazar através do *Whatsapp*, né. Todo mundo mostrava as roupas ou então ia pra lá mas a porta ficava fechada e entrava uma por uma, todo mundo de luva, de máscara com álcool na mesa e tudo mais, até que um dia a Secretaria de Saúde passou e viu aberta e falou que não podia, aí eu tive que parar. Mas foi através desse bazar que eu estava tirando renda pra comprar de 10 a 15 cestas básicas.

Entrevista VP-4

Na visão de Pimenta, Henriques e Machado (2020), os grupos e coletivos comunitários dependem da solidariedade de pessoas que não são periféricos e daqueles que podem contribuir de alguma forma. No caso da Vila Planalto, sabe-se que ela é socialmente desigual por motivos sociológicos e históricos e, concentra uma parte de moradores com alto poder aquisitivo. A solidariedade destes partem, para além de outras questões, do princípio da corresponsabilidade pela população mais carente.

Na entrevista, a presidente do Renascer dos Pioneiros destaca que o grupo também recebeu doações de pessoas de fora da comunidade, como moradores de condomínios ao redor da Vila Planalto e de outros lugares do Plano Piloto.

Aí o pessoal do LakeSide começou a fazer cestas básicas e eu e meu filho íamos lá e pegávamos todos os meses cinco cestas, na Asa Norte eu ganhava mais cinco. E assim a gente ia ajudando o pessoal da rua, da nossa Praça Nelson Corso, porque lá tem muita gente que precisa. E aí a gente começou a fazer marmitas e à noite eu entregava. Fizemos isso um bom tempo.

Entrevista VP-4

Além das cestas básicas, a ajuda foi realizada de diversas outras formas, como auxílio psicológico, realização de compras no supermercado para idosos, entrega de cobertores e roupas para moradores de rua da Vila e entrega de marmitas para a comunidade, com a intenção de ajudar quem estava em casa sem recursos e quem cuidava de idosos e crianças e estavam sobrecarregados com a rotina. Essas ações eram, muitas vezes, coordenadas em conjunto entre as organizações da cidade.

A distribuição de cobertores, cestas básicas também aconteceu. Algumas vezes entregue ao Grupo dos Idosos e aos Vicentinos, nas praças e beiras de estradas. O trabalho com a Pastoral da Saúde através da Roda de Terapia Comunitária Integrativa Pioneira da Vila Planalto foi impactante no meu olhar, pois de março até maio (de 2020) as pessoas que participavam da mesma, estavam em casa prisioneiras.

Entrevista VP-5

Bem no meio da pandemia, foi criado aqui na paróquia a Pastoral da Sopa, né, que era uma coisa que já existia há muitos anos atrás, na época do padre Ítalo, com a dona Maria, mãe de Dom Marcony. Aí a gente juntou os vicentinos com a Pastoral da Sopa. Então a Pastoral da Sopa foi uma pastoral criada que ajudou muito. Tinha um psicólogo que tava atendendo na paróquia que era o seu Antônio, marido da Jaira, e a Jaira que fazia roda de terapia, faz até hoje.

Entrevista VP-3

A estratégia foi a distribuição de marmitex para as pessoas em situação de rua, mas também aquelas pessoas que naquele momento estavam passando por dificuldades financeiras. Outro momento rico, foi retornar com o Vila Planalto Tempo de Plantar, no Bosque dos Pioneiros, então no período de agosto (2021) retornamos com o trabalho de plantar, cumprindo tudo, distanciamento social, álcool em gel, máscara. A gente marcava um grupo de 3 ou 4 pessoas de uma vez. Então a gente trabalhava com a terra, resgatando a autoestima, com todo o cuidado.

Entrevista VP-5

A nossa alimentação que tínhamos do depósito, quando veio a pandemia, estávamos com estoque de alimentos. Aí nós fizemos uma permuta, nós pedimos para o MM (mercado local) ficar com toda a alimentação e só nos devolver depois no retorno das aulas. Ele recebeu tudo. Do sabão em pó ao arroz, feijão, carne. Quando a coisa melhorou e nós voltamos, ele mandou

tudo de volta pra gente e repomos tudo no lugar. De vez em quando tivemos que apelar para os amigos e apelamos para o nosso mercadinho, foi uma forma que eles nos ajudaram.

Entrevista VP-2

Como mostrado nas entrevistas anteriores, a ajuda ocorreu principalmente entre a própria comunidade, com ajuda do comerciante, do encontro para plantar árvores, da entrega de materiais de higiene e cobertores, em um sentimento de solidariedade.

Com exceção da Creche Pioneira da Vila Planalto, as outras instituições não receberam nenhum auxílio direto do Estado para cobrir despesas internas ou para auxílio nas ações para a população. Apesar de ser uma instituição privada, a Creche possui acordos com o Governo do Distrito Federal para pagamento de funcionários, exceto diretoria, e despesas com as crianças. No período pandêmico, a Creche recebeu apoio do GDF através de um programa de alimentação para as famílias das crianças matriculadas. No programa, o CEASA do DF enviava verduras e frutas através do “Cesta Verde”, que organizava bancas de alimentos para doação às creches. Assim que esses alimentos chegavam, eram distribuídos às famílias das crianças da instituição. É importante entender que a rapidez ao apoio advinha exclusivamente pela ligação institucional preexistente à pandemia, sendo direcionada às famílias atendidas pela Secretaria de Educação e não à instituição da Creche Pioneira, com exceção ao pagamento de funcionários.

Nós somos vinculados a Secretaria de Educação. O CEASA, na pandemia, eles tinham a “cesta verde”. Aquilo que eles mandavam para as creches, que era uma quantidade para a creche, como verduras e frutas, eles mandavam como cestas para as famílias, durante a pandemia. A gente ligava para os pais e eles vinham buscar. Deram também para os pais um cartãozinho de ajuda, mas não lembro o valor, mas em dinheiro no cartão, para os pais dos alunos da creche. Os monitores continuaram recebendo dinheiro. Ele (governador) manteve o pessoal, agora essa parte de alimentação foi tirada, como não tinha criança, recolheram para dar em cartão para as crianças.

Entrevista VP-2

O apoio a Creche se deu, principalmente, pela vinculação institucional preexistente entre creches e Secretaria de Educação. Neste sentido, o contato permanente influenciou na rápida ação do GDF para apoio às necessidades da creche e das crianças e ao combate à pandemia, como o recolhimento de cestas de verdura para as famílias. Por outro lado, as demais organizações não obtiveram êxito em entrar em contato com o Estado. Os principais motivos para as organizações da Vila Planalto não conseguirem recursos e ajuda foram tanto pelo histórico de abandono desde a fundação da Vila Planalto, como exposto, quanto pela falta de informação do governo durante o período emergencial. “Transparência e abertura por parte do governo são condições prévias em situações de grande emergência” (Alves e Costa, 2020, p.

11). Assim, a ação mais importante que o governo deve fazer com prioridade é de criar canais de comunicação para com as ações de sociedade civil, que sejam eficazes, rápidos, constantemente atualizados, claros, facilmente acessíveis e com mensagens convergentes (Alves e Costa, 2020).

O GDF não prestou assistência porque eu não sabia nem aonde procurar, né. Então, até hoje mesmo eu não sei aonde eu vou procurar e outra coisa, quando eu procurei, é uma burocracia tão grande, é tanto documento que eles pedem, que eu acabei desistindo e preferi manter o bazar.

Entrevista VP-4

Não teve apoio do GDF, apenas com a PM. Nós conseguimos (cestas básicas) com a polícia militar. As cestas nós conseguimos com parceria com o próprio comerciante, com o próprio morador, com o próprio pastor de igreja, com a própria igreja católica nos ajudando e nós fizemos essa distribuição aqui na vila Planalto.

Entrevista VP-1

Portanto, as organizações civis da Vila Planalto possuíram papel importante no auxílio direto aos moradores da comunidade. Com a chegada da vacina e o fim do regime emergencial, foram observados, nas entrevistas e na convivência direta da vida local, efeitos pós-pandemia na população e em suas instituições comunitárias. Dentre as consequências da pandemia na comunidade, destacam-se a perda de muitos pioneiros e pioneiras nesse período que ficará marcada na memória da cidade, o aumento de famílias desempregadas e socialmente marginalizadas e a redução de engajamento das pessoas locais em atividades comunitárias, com exceção do grupo Vicentinos. A comunicação e a participação entre organização e comunidade também foi questionada aos entrevistados. A entrevista VP-2 declarou que a participação da comunidade continuou a mesma à pré-pandêmica. A entrevista VP-1 afirmou que a comunicação com a comunidade mudou de presencial para digital, com informes via internet para a população.

Após pandemia, caiu muito (a quantidade de idosos), porque como eu falei pra você, o medo delas foi muito grande por causa da pandemia e outra, faleceu muita idosa, muita mesmo. Nós perdemos pra mais de 12 idosas. Então hoje a gente se reúne ainda, todas as quartas, com dois psicólogos, mas estão indo no máximo 8 idosas, a casa já teve até 50 idosas lá. Da comunidade até que quase não apareceu ninguém não (para ajudar após a pandemia), só pessoas de fora mesmo e o centro de saúde que é minha base né.

Entrevista VP-4

Quando terminou a pandemia já terminando a pandemia, mais assim pro finzinho, foi onde aumentou mais ainda a quantidade de famílias. Em 2021 para 2022, começou aumentar as famílias, que nem todos conseguiram

emprego, tiveram dificuldade pra conseguir emprego, os que tava estudando não voltaram pra estudar. Agora esse ano que a gente tá diminuindo. A gente tá fazendo o desligamento e promovendo algumas famílias. Porque a quantidade de família no normal, eram de 11 famílias. A gente chegou a 30 famílias. Então era muita família, muita gente pra gente assistir, pra gente conversar.

Entrevista VP-3

A quantidade de pessoas envolvidas com a organização continuou a mesma. A associação dos moradores da Vila Planalto não possui muito apoio dos moradores. Em relação à interação com a comunidade, a comunicação antes com os moradores ocorria principalmente por meio de carros de som pelas ruas. Após pandemia, a comunicação tornou-se pela internet, principalmente pelo facebook e grupo de transmissão do Whatsapp. Hoje também passamos em carro de som para avisos importantes.

Entrevista VP-1

O governo fez o seu papel, antes, durante depois da pandemia. Não achei muita mudança da pandemia pra cá não. A pandemia veio e foi embora e o ritmo continuou. Não teve nenhuma alteração, nem pra pior nem pra melhor, tanto pra criança quanto para o grupo de funcionários.

Entrevista VP-2

Em suma, o apoio da sociedade vilena não mudou em relação às instituições não religiosas no pós-pandemia. Apesar do senso comunitário e da pequena rede de solidariedade formada durante e emergência sanitária ter sido essencial para o apoio a recuperação da vida dos moradores mais necessitados, o engajamento em relação às ações voltadas para a comunidade tem sido fraco. “Por isso, não é inequívoco pressupor que um país melhor surgirá no pós-pandemia. Antes, é fundamental enfrentar seriamente nossas desigualdades, ou seguiremos vendo a solidariedade se revelar como apenas mais uma utopia triste” (Rodrigues, 2020). Ao analisarmos a historicidade da Vila Planalto, é possível notar o caráter solidário presente no dia a dia desde os primeiros habitantes operários. Entretanto, atualmente, grande parte dessas organizações civis da Vila passam por apertos financeiros e/ou estruturais, sem apoio da comunidade e do Estado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise obtida neste trabalho revela que, durante a pandemia, as classes sociais mais pobres foram as que mais necessitaram da ajuda das organizações comunitárias da Vila Planalto. Dessa forma, as ações realizadas pelas organizações comunitárias foram fundamentais para a sobrevivência de muitos moradores. Neste estudo, foi possível afirmar que a história de construção da comunidade através de suas próprias instituições comunitárias ajudou a Vila

Planalto se auto responder à pandemia. Esse resultado demonstra a real e fundamental importância das ações dessas organizações no combate aos efeitos do momento ímpar nas vidas vilenas, uma vez que essas pessoas estavam desempregadas, em luto por familiares e com perigo de fome.

Apesar do DF possuir o maior rendimento domiciliar per capita²⁶ do país, com planejamento urbano, hospitais, transporte público mais novo, escolas de ensino infantil e escolas parques nas entrequadras, as cidades que abrigaram e abrigam todos aqueles que vieram de fora e construíram Brasília continuam sofrendo com o abandono, escancarado no período pandêmico. Desse modo, as organizações civis buscaram fazer o papel que desempenham desde a fundação do povoado, apesar das dificuldades financeiras e estruturais enfrentadas. Com baixa participação cidadã nos serviços comunitários e ausência de ações governamentais, os representantes políticos, presentes nas instituições, tiveram que improvisar e procurar formas para chegar até aos moradores. Apesar disso, as organizações entrevistadas conseguiram ter êxito nas ações propostas, mas ainda assim, teriam mais força caso tivessem o apoio total da comunidade e do Estado. “O bom proveito da capacidade das OSCs para apoiar ações emergenciais depende de condições de relacionamento entre governo, OSCs e sociedade. Essas ações perdem força se não forem implementadas em conjunto” (Alves e Costa, 2020, p. 13).

Em conclusão, o estudo sociológico e histórico da formação da Vila Planalto e das instituições apresentadas, ajudaram a compreender as características das ações na pandemia e qual a sua importância em população que vive no centro de Brasília. Isso reflete em uma possibilidade de interseccionalidade temática abordada que auxiliaram na compreensão macroscópica do caso da Vila Planalto.

²⁶ De acordo com dados divulgados em fevereiro de 2023, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERS, Rebecca; SILVA, Marcelo Kunrath; TATAGIBA, Luciana. Movimentos sociais e políticas públicas: repensando atores e oportunidades políticas. Lua Nova, n. 105, p. 15–46, 2018.

ABERS, Rebecca e Marisa von Bülow. “A sociedade civil das periferias urbanas frente à pandemia (março-julho 2020)”, Relatório de Pesquisa 1 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 30 de junho, disponível em: <https://resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Aos 66 anos, Vila Planalto é referência em gastronomia. Jornal de Brasília. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/aos-66-anos-vila-planalto-e-referencia-em-gastronomia/> Acesso em: 10 de jun. de 2023

ALVES, Mário Aquino; COSTA, Marcelo Marchesini da. Colaboração entre governos e organizações da sociedade civil em resposta a situações de emergência. São Paulo. 2020.

BUARQUE, de Holanda Ferreira, Aurélio. 2010. Mini Aurélio O dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Positivo.

CEMSO 2010. IBGE Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true> 28 de jun. de 2023

CODEPLAN. Levantamento Domiciliar Socioeconômico: Vila Planalto. 2009. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Levantamento-Domiciliar-Socioecon%C3%B4mico-da-Vila-Planalto-2009.pdf>. Acesso em: 21 de jun. de 2023.

COELHO, Christiane Machado. Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto. Revista Cronos, [S. l.], v. 9, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1795>. Acesso em: 13 jul. 2023.

Conjunto Fazendinha na Vila Planalto está sob risco de desabar. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/07/5112443-conjunto-fazendinha-na-vila-planalto-esta-sob-risco-de-desabar.html> Acesso em: 08 de jun. de 2023

Crônicas do isolamento, Rosental o cozinheiro de JK. Brasiliários.com. Disponível em: <https://brasiliarios.com/artigos/1603-chronicas-do-isolamento-rosental-o-cozinheiro-de-jk>

Acesso em: 10 de jun. de 2023

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social / Émile Durkheim; tradução. Eduardo Brandão. – 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. -. (Coleção tópicos).

FONSECA, Mariana de Souza. “A atuação da Central Única das Favelas na pandemia de COVID-19 e o aprendizado da ação em situações de emergência”, Relatório de Pesquisa #10 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 23 de novembro de 2022, disponível em: <http://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Juiz proíbe GDF de fazer desocupação em assentamento a L4 Norte durante a pandemia. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidadesdf/2021/03/4913928-juiz-proibe-gdf-de-fazer-desocupacao-em-assentamento-na-l4-norte-durante-a-pandemia.html> Acesso em: 08 de jun. de 2023

JUSSIARA SANTOS – Vila Planalto agora é legalizada – Jornal Voz da Vila – Brasília, abril de 2014 – p. 2.

JUSSIARA SANTOS – Regularização em fase avançada – Jornal Voz da Vila – Brasília, agosto de 2014 – p. 8.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Massacre da Pacheco Fernandes completa 60 anos continua sendo mistério. Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/02/08/interna_cidadesdf,736183/massacre-da-pacheco-fernandes-completa-60-anos-continua-sendo-misterio.shtml Acesso em: 10 de jun. de 2023

Nascidas com Brasília as ocupações pioneiras. Agência Brasília. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/24/nascidas-com-brasilia-as-ocupacoes-pioneiras/> Acesso em: 08 de jun. de 2023

NAUM JILÓ - Pioneirismo e Resistência no Centro da Capital do País - Correio Braziliense - Brasília, 4 de out. de 2022 – Seção Cidades DF.

Os principais culpados pelas mais de 600 mil mortes da Covid-19 no Brasil, segundo a CPI da Pandemia. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-21/os-principais-culpados-pelas-mais-de-600000-mortes-da-covid-19-no-brasil-segundo-a-cpi-da-pandemia.html> Acesso em: 20 de ago. de 2023

PAVIANI, Aldo (org.). Brasília: Moradia e Exclusão. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996.

PIMENTA, Laura Nayara; HENRIQUES, Márcio Simeone; MACHADO, Marlene Pereira. Fatores de (des)mobilização social no enfrentamento à pandemia de Covid-19 pelas populações periféricas de Belo Horizonte, Minas Gerais. Revista Dispositiva. [on-line] Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva>> Dossiê: Comunicação, política e saúde. Editoras Responsáveis: Fernanda Sanglard e Vanessa Veiga de Oliveira. Volume 9, Número 16, Belo Horizonte, dezembro de 2020, p. 87-106.

Programas sociais do GDF socorrem mais de 700 mil pessoas na pandemia. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/parceiros/gdf/2021/07/4940792-programas-sociais-do-gdf-socorrem-mais-de-700-mil-pessoas-na-pandemia.html> Acesso em: 08 de jun. de 2023

REBOUÇAS, Liliane. Vizinhos do Poder: Histórias e Memórias da Vila Planalto. 1. Ed. Brasília. Ed. da Autora, 2022.

RESENDE, Geraldo. Cartas para Heitor. Brasília, Gráfica e Editora São Judas Tadeu, 2011.

RODRIGUES, Cristiano. Solidariedade durante a pandemia, uma utopia triste? Folha de S. Paulo. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/12/solidariedade-durante-a-pandemia-uma-utopia-triste.shtml>. Acesso em 17 de set. de 2023

SIQUEIRA, Marina Toneli. Entre o fundamental e o contingente: dimensões da gentrificação contemporânea nas operações urbanas em São Paulo. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3205>. Acesso em 23 de ago. de 2023

SOUSA, Nair Heloísa Bicalho. Trabalhadores pobres e cidadania. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

Vídeos do Lago Paranoá mostram ruínas da Vila Amaury e até ônibus submerso. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/brasil-61-anos/noticia/2021/04/20/brasil-61-anos-videos-do-lago-paranoa-mostram-ruinas-da-vila-amaury-e-ate-onibus-submerso.ghtml> Acesso em: 08 de jun. de 2023

Vila Planalto guarda mais de 60 anos de memórias da capital. Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/02/29/interna_cidadesdf,831129/vila-planalto-guarda-mais-de-60-anos-de-memorias-da-capital.shtml Acesso em: 15 de jun. de 2023

Vila Planalto herança do canteiro de obras. Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/02/29/interna_cidadesdf,831196/vila-planalto-heranca-do-canteiro-de-obras.shtml Acesso em: 15 de jun. de 2023

ZARUR, Sandra. « Vila Planalto: um caso de resistência popular ». In Aldo Paviani, (org.). Brasília: Moradia e Exclusão. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996. Acesso em: 10 de jun. de 2023 <https://historiasdebrasil.com/2019/02/19/o-massacre-na-pacheco-fernandes/>

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

BLOCO I: Identificação e aprofundamento das informações iniciais das associações/organizações/instituições

- 1- Você poderia nos dar informações sobre a organização/associação/instituição da qual faz parte: nome, natureza, missão, objetivos, motivo, principais estratégias de atuação, histórico?
- 2- Você poderia nos informar sua posição na organização/associação/instituição, sua trajetória e as principais ações das quais tem participado?
- 3- Como você enxerga a importância da sua organização/associação/instituição na comunidade?
- 4- Como você enxerga as mudanças sociais e econômicas na Vila Planalto durante o tempo em que está na organização/associação/instituição?

Objetivos do Bloco I: Identificar a organização a qual o entrevistado pertence e compreender sua estrutura e importância na Vila Planalto

BLOCO II: Compreensão da Vila Planalto durante a pandemia

- 5- Quais foram os principais problemas da Vila Planalto durante a pandemia?
- 6- Durante a pandemia, o governo do GDF prestou assistência para os problemas que você acaba de citar? De que maneira? Esta assistência era suficiente?
- 7- Antes da pandemia, existiam este tipo de serviço público na Vila?

Objetivo do Bloco II: Buscar entender como as organizações viram a pandemia em seus diversos aspectos da política comunitária, inclusive, a participação ou ausência do Estado.

BLOCO III: Ações durante a pandemia e consequências

- 8- Houve ações da organização/associação/instituição durante a pandemia de Covid-19? Se sim, quais tipos de ações da organização/associação/instituição realizou durante a

- pandemia (entrega de cestas básicas, doação de roupas, entrega de marmitas e refeições, visitação e acolhimento, atendimento médico)? Se não, por que não foi realizado?
- 9- De que maneira as ações da sua organização/associação/instituição foram importantes para aqueles que foram atendidos e para a comunidade?
 - 10- De que forma a organização/associação/instituição da qual você faz parte mudou de alguma forma após a pandemia e posterior às ações? As ações continuaram após a pandemia?
 - 11- Você acredita que novas pessoas se envolveram com a organização após as ações solidárias?
 - 12- O que vocês precisaram aprender para lidar com a crise da pandemia? Como ocorreu a adaptação em relação ao uso de internet?

Objetivo do Bloco III: Identificar as ações que as organizações realizaram durante a pandemia e qual o efeito na comunidade da Vila Planalto.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), do estudo de monografia de graduação intitulada “Organizações comunitárias da Vila Planalto no contexto da pandemia de Covid-19”. O(A) pesquisador(a) responsável deste estudo é José Maurício Neto, aluno(a) de graduação no curso de Ciência Política da Universidade de Brasília, e realiza a pesquisa sob a orientação da profa. Rebecca Abers, A professora pode ser contatada pelo e-mail: abers@unb.br.

O objetivo da pesquisa é adquirir conhecimento sobre a importância das ações de grupos e associações comunitárias da Vila Planalto no auxílio aos moradores durante a pandemia da Covid-19.

Tenho ciência de que o estudo envolve entrevistas semiestruturadas, visando a realização de um trabalho da disciplina. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita, **podendo ser utilizada para a elaboração de vídeos e materiais escritos**. Estes materiais serão usados apenas para fins de ensino.

Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Nome e Assinatura

Brasília, ____ de _____ de 2023